



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE ENFERMAGEM**



GLEICIANE APARECIDA CESÁRIO RUP

**TRAJETÓRIA DE VIDA COMO ESTUDANTE INDÍGENA
CHIQUITANO: da aldeia ao curso de graduação em enfermagem**



**CUIABÁ/MT
DEZEMBRO/2022**

GLEICIANE APARECIDA CESÁRIO RUP

**TRAJETÓRIA DE VIDA COMO ESTUDANTE INDÍGENA
CHIQUITANO: da aldeia ao curso de graduação em enfermagem**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado à Faculdade de Enfermagem, como critério parcial para obtenção do título de Enfermeira graduada na Universidade Federal de Mato Grosso. Brasil.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: antropologia e educação

LINHA DE PESQUISA: enfermagem

Orientadora

Profa. Dra. Rosa Maria Bottosso
Enfermeira. Docente na FAEN/UFMT

Coorientadora

Profa. Dra. Carmem Lucia da Silva
Antropóloga. Docente no ICHS/UFMT

**CUIABÁ/MT
DEZEMBRO/2022**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura de Gleiciane Aparecida Cesário Rup	
---	--

Data: 26 de dezembro de 2022.

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

R945t Rup, Gleiciane Aparecida Cesario.
Trajetoria de vida como estudante indígena Chiquitano : da aldeia ao curso de graduação em enfermagem / Gleiciane Aparecida Cesario Rup. -- 2022
60 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Rosa Maria Bottosso.
Co-orientador: Carmen Lucia Silva.
TCC (graduação em Enfermagem) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Exatas e da Terra, Rondonópolis, 2022.
Inclui bibliografia.

1. Aprendizagem. 2. População indígena. 3. Enfermagem. I.
Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Gleiciane Aparecida Cesário Rup

Título: TRAJETÓRIA DE VIDA COMO ESTUDANTE INDÍGENA CHIQUITANO: da aldeia ao curso de graduação em enfermagem.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso, campi Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, como critério parcial para obtenção do título de enfermeiro.

Aprovado em 16 de dezembro de 2022.

Banca Examinadora

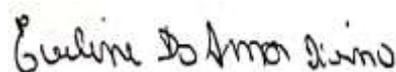
Profa. Dra. Rosa Maria Bottosso
Faculdade de Enfermagem da UFMT.
Julgamento: aprovado



Profa. Dra. Magali Olivi
Faculdade de Enfermagem da UFMT
Julgamento: aprovado



Profa. Dra. Eveline do Amor Divido
Faculdade de Enfermagem da UFMT
Julgamento: aprovado



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado força, pra vencer nessa jornada, de conclusão de trabalho.

Aos meus pais, que fizeram parte desse trabalho de estudo de autobiografia, que foram tão compreensivos e generosos, que me deram apoio, durante toda minha trajetória na academia e na cidade apesar da distância.

Aos meus irmãos, que sempre me apoiaram, incentivaram a finalizar meu curso. Foi um desafio, mas valeu a pena ter chegado até aqui com a força enviada por Deus.

Aos meus parentes que me acolheram em seus lares e não mediram esforços em me ensinar a superar os desafios de viver na cidade grande.

Quero agradecer também à professora Dra. Carmen Lúcia Silva, Antropóloga. Foi por ela que estou aqui. Ela estava na banca do vestibular indigna de Ações Afirmativas da PROIND e, quando eu passei na prova oral, me incentivou a não desistir do curso. Sou grata a ela.

Obrigada à profa. Dra. Rosa Maria Bottosso, enfermeira, que me ajudou no programa de Monitoria Estudantil Indígena da PRAE e na elaboração deste trabalho.

Agradeço à profa. Doutoranda Aparecida Fátima Camila Reis, membro da primeira Banca Examinadora e as profas. Dra. Magali Olivi e Dra. Eveline do Amor Divino, membros da segunda Banca Examinadora pelas valiosas contribuições e elogios.

Aos profissionais da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PRAE) da UFMT.

Aos membros do PET-INDIGENA.

A equipe do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) de Cuiabá-MT, Brasil.

Aos meus colegas de curso e amigos que fiz ao longo da minha trajetória em Cuiabá.

Obrigada à diretora, coordenador de ensino e profissionais da secretaria da Faculdade de Enfermagem da UFMT, campi Cuiabá-MT.

RUP, G. A. C. **TRAJETÓRIA DE VIDA COMO ESTUDANTE INDÍGENA CHIQUITANO: da aldeia ao curso de graduação em enfermagem.** 2022 Trabalho de Conclusão de Curso. [Monografia]. Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, MT, Brasil.

RESUMO

Introdução: na história dos povos Chiquitano além das lutas pela terra, foi necessário investimentos superar os desafios da comunidade em garantir o acesso e a qualidade de ensino a seus filhos. **Objetivo:** descrever os desafios para a aprendizagem encontrados pela estudante indígena da etnia Chiquitano desde a sua formação básica na aldeia, até a transposição para a cidade grande e a graduação no curso de enfermagem. **Método:** pesquisa etnográfica produzida a partir da narrativa autobiográfica. **Resultados:** constata-se que os desafios foram vários tais como os relacionados às fragilidades na estrutura física das escolas, o preparo dos docentes durante a vida na aldeia e na universidade; dificuldade em sistematizar o tempo para estudo. A adaptação na cidade grande exigiu esforço e capacidade de superação os desafios e à saudade dos familiares, da vida na aldeia e das questões financeiras. Aprender a estudar e lidar com novas tecnologias como a internet e para o ensino, fundamental para a aprendizagem e chegar ao objetivo de se tornar enfermeira. Apesar da recepção favorável no contexto universitário, percebe-se na academia que alguns docentes desconhecem história dos indígenas em Mato Grosso de forma geral, incluindo os Chiquitano. **Considerações finais.** Os investimentos recompensaram e os desafios foram superados, restando agora, a tarefa de se engajar-se no campo profissional, sem perder de vistas, novas oportunidades de aprendizagem.

DESCRITORES: aprendizagem; população indígena; enfermagem.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	
1.1.Problematização.....	10
2. OBJETIVOS.....	14
3. REVISÃO LITERATURA	
3.1.Os povos indígenas no Brasil	14
3.2.Os indígenas Chiquitano em Mato Grosso, Brasil.....	16
3.3.Direitos à educação diferenciada aos indígenas.....	18
4. BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICA	
4.1.Tipo de estudo.....	21
4.2. Local.....	22
4.3. Período.....	22
4.4. Sujeito do estudo.....	23
4.5. Instrumentos para produção dos dados.....	23
4.6. Análise.....	24
4.7. Ética na pesquisa.....	26
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	
DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DA ESTUDANTE INDÍGENA	
5.1. VIDA NA ALDEIA CHIQUITANO: brincar, aprender e decidir.	27
5.2. VIDA NA CIDADE: adaptação, saudade, aprender novos costumes.	34
5.4. VIDA ACADÊMICA: aprender a ser enfermeira na sociedade tradicional....	41
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
7. REFERÊNCIAS.....	55

8. GLOSSÁRIO	58
9. APÊNDICES	60
- Roteiro para as narrativas autobiográfica	
- Entrevista com os pais da estudante indígena	
- Roteiro para catálogo das imagens	
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	
- Termo de compromisso da estudante indígena	
- Carta de anuência dos líderes da Aldeia Fazendinha “Macharaka”.	
- Carta de anuência da diretora da Faculdade de Enfermagem da UFMT	
10. ANEXO	67
- Folha de Rosto da Plataforma Brasil	

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Distribuição dos povos indígena na zona rural e urbana.	15
Figura 2	Mapa da área de ocupação Chiquitano em Mato Grosso. Brasil.....	17
Figura 3	Chiquitano com instrumentos musicais.....	18
Figura 4	Escola rural indígena em Alagoas, Brasil. 2015.....	20
Figura 5	Destacamento Militar de Fortuna.....	29
Figura 6	Escola rural dos indígenas Chiquitano, Mato Grosso, Brasil.....	31
Figura 7	Escola rural indígena da SEDUC no Portal Encantado.....	33
Figura 8	Minha família.....	36
Figura 9	Visão panorâmica do Portal do Encantado. MT. Brasil. 2013.....	36
Figura 10	Desenho de crianças chiquitano das casas da aldeia.....	37
Figura 11	Artefatos indígenas chiquitano: bancos e cesta de buriti.....	38
Figura 12	Utensílios e brinquedos: bânico, peneira, gamela, petecas e boneca.	38
Figura 13	Eu e o grupo de mulheres indígenas: Chiquitano, Bakairi e Umutina	39
Figura 14	Minhas primas com roupas de palha de buriti, colares de coco e pintura tradicional num dia de comemoração na aldeia Chiquitano..	42
Figura 15	Panorama do hall de entrada do RU da UFMT. 2022.....	43
Figura 16	Mulheres Chiquitano no preparo de alimentos num dia festivo.....	43
Figura 17	Indígenas aprovados no vestibular especial indígena da UFMT.....	45
Figura 18	Monitoria estudantil para alunos da PROIND e PROINQ. 2019.....	46
Figura 19	Colegas do curso numa atividade de parto humanizado 2019.....	48
Figura 17	Eu, vivenciando a consulta de enfermagem num PSF Cuiabá, MT...	52

1. INTRODUÇÃO

Este estudo fez parte das minhas atividades acadêmicas desenvolvidas no ano de 2022, nas disciplinas Trabalho de Conclusão de Curso I e II, do curso de graduação em enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso, campi Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. Tem suas bases na etnografia com foco as experiências de aprendizagem vividas por mim, estudante de enfermagem indígena, da etnia Chiquitano. A escolha do tema deu-se após diálogos com a professora orientadora, que me explicava os caminhos metodológicos de cada ideia que eu pretendia desenvolver. Diversos assuntos vieram à tona e, no horizonte de leituras de artigos científicos onde estudantes indígenas utilizavam-se do método autobiográfico, achei interessante e concordei com a proposta. A questão do tempo para realizar as duas disciplinas, no calendário da universidade após o retorno as aulas presenciais no contexto da pandemia do Coronavírus e a necessidade de protocolar o projeto na Plataforma Brasil para fins de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) foram decisivos na escolha.

Diante disso, apresento o resultado deste estudo fruto dos trabalhos envolvendo eu e as orientadoras que, de forma dialógica e compartilhada, foram tecendo as tramas da rede de fatos que representou a minha trajetória de aprendizagem desde a aldeia até o curso de graduação em enfermagem.

1.1.PROBLEMATIZAÇÃO

Desde a minha vida na aldeia, enfrentei desafios para me formar e, quando cheguei na universidade, outros foram surgindo exigindo de mim esforços para aprender, superá-los e me formar enfermeira.

O que é aprender? Palavra com sentido amplo e tema de diversas pesquisas nas áreas da psicologia, educação e neurociência, muitas vezes centrada na aprendizagem e os conteúdos curriculares. Estudar tal tema com olhar etnográfico/antropológico requer a aproximação das experiências vividas nas pelos sujeitos em seu cotidiano histórico, social e cultural, pois:

[...] a aprendizagem não está unicamente situada na prática – como se se tratasse de um processo independente, que por acaso, se encontrasse localizado em algum lugar. A prática social é o fenômeno primário e gerador, e a aprendizagem é simplesmente uma de suas características (MEDAETS, 2021, p. 198).

Com esta compreensão, eu, estudante de enfermagem da etnia Chiquitano, diante dos desafios de produzir conhecimentos por meio da pesquisa e junto com a minha orientadora, decidimos refletir sobre os desafios da aprendizagem desde a trajetória de vida na aldeia, a vinda para a cidade grande e curso de graduação.

A minha entrada na faculdade deu-se por meio do vestibular especial para estudante indígena, introduzido na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) quando a mesma publicou a Resolução nº 135/2006 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) que trata do Programa de Inclusão de Estudantes Indígenas “Guerreiros da Caneta” (PROIND) como parte das políticas de Ações Afirmativas. Este programa atendeu a diferentes regiões e povos indígenas provenientes das aldeias: Arara, Bakairi, Bororo, Chiquitano, Irantxe/Manoke, Karajá, Yawalapiti, Terena, Umutina, Xavante, Paresi, Guató e Nhambiquara (UFMT, 2007; SILVA; SERRA, 2011).

Diante da oportunidade de fazer um curso superior, em 2012, a princípio, eu pretendia fazer medicina, contudo, optei pelo curso de Saúde Coletiva, mas não passei no vestibular. Em 2014, novamente me inscrevi para o curso de enfermagem e fui aprovada e iniciei a trajetória na vida acadêmica. A princípio, meus pais me ajudaram financeiramente a me estabelecer na cidade e, mais tarde, fui contemplada com bolsa de estudo do Ministério da Educação - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, destinado a subsidiar custos com alimentação e moradia.

Com a mudança da aldeia para a cidade grande, deparei com várias situações que não faziam parte da minha vida. A saudade da vida familiar, a insegurança e o medo do desconhecido foram sentimentos que tive que administrar. Na cidade grande tive que aprender pegar ônibus, a fazer compras, a ir para a faculdade sozinha além de adaptar-se a nova moradia. Os desafios foram emergindo em relação a compreender os hábitos e costumes, a alimentação, a linguagem e gírias da população não indígena.

Ao entrar na faculdade, participei da apresentação do Projeto Pedagógico do Curso nos primeiros dias de aula e foram explicando sobre as disciplinas curriculares, os créditos, as normas para a graduação e o tempo mínimo e máximo para conclusão.

Nas disciplinas, fui aprendendo a lidar com as regras, normas e formas de condução dos professores em relação aos programas, cronogramas e os diferentes métodos de ensino nas aulas teóricas, práticas e no período dos estágios curriculares. Tive dificuldades em compreender a proposta, os conteúdos, a dar conta dos estudos individuais e em grupo exigidos para aprender, alcançar notas nas provas, dentre outras atividades acadêmicas.

Durante toda a minha trajetória na faculdade, constatei que os docentes não utilizavam fontes sobre a saúde da população indígena. Tinha, fragilidades em relacionar os assuntos sobre saúde e cuidados de enfermagem para além da tradição dos povos não indígenas e envolver as especificidades dos povos indígenas. Houve um momento do curso, em que um professor de fisiologia citou o veneno usado pelos indígenas para a caça. Na disciplina “Saúde do Adulto e Idos” a professora apresentou aos alunos o Subsistema de Saúde Indígena e a estrutura dos “Distritos Sanitário Especial Indígenas” (DSEI), situando-o na Rede de Atenção à Saúde pública. A mesma docente incluiu, também, numa aula sobre cuidados de enfermagem perioperatória, a importância sobre os saberes indígenas e do “pajé” como parte das ações integrais voltadas para a assistência à espiritualidade, à dor e outras demandas.

Nesta trajetória, houve momento em que eu não dei conta de alcançar aprendizado para passar de semestre. Reprovi cinco disciplinas do ciclo básico e uma do ciclo profissional. Vários motivos contribuíram para o meu fracasso, entre eles, a necessidade superar o desafio de estudar e compreender os conteúdos que para mim era, difíceis, como “Bioquímica. Além disso, superar o medo de me colocar frente ao professor e meus colegas para tirar dúvidas, fazer perguntas. Conte com apoio de várias pessoas no sentido de aprender a estudar, a ler e compreender livros e artigos científicos; a escrever; a comunicar-me e assim por diante. Houve momento que pude contar com apoio das colegas que realizavam as orientações aos estudantes indígenas e quilombolas, como parte das atividades de Monitoria Estudantil do Programa de Inclusão Indígena da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PRAE)¹.

Foram muitos desafios e oportunidade. Aprendi a usar o notebook, o computador, a internet, o Sistema Acadêmico do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e outros recursos tecnológicos disponíveis na universidade. Contudo, em 2020, com as medidas de confinamento sanitário devido a pandemia do Coronavírus, adotados como meio de evitar a transmissão as aulas presenciais foram suspensas e tivemos novo desafio para estudar e aprender no sistema online. Retornei à aldeia e tive dificuldades de acesso devido as fragilidades na rede de transmissão da internet. Muitas vezes, tive que me locomover até a cidade de Pontes e Lacerda,

¹ Entende-se por **Monitoria Inclusiva** as ações da/o estudante de graduação presencial com a finalidade de apoiar, desenvolver e acompanhar atividades junto a outros(as) estudantes de graduação presencial com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, superdotação/altas habilidades, indígenas, quilombolas ou outros discentes de programas de ação afirmativa, de maneira a contribuir com a inclusão, minimizando barreiras e colaborando com a permanência e êxito na formação. (Disponível em: <https://www.ufmt.br/pro-reitoria/prae/pagina/servicos/1387> Acesso em: 20 out., 2022.

localizada a 444 Km de Cuiabá, para poder assistir as aulas online; inteirar-me das atividades e levantar material para estudos.

Atualmente, estou concluindo o nono semestre do curso de graduação após um longo período de formação marcado por interrupções devido as reprovações; as greves nas universidades Federal e a pandemia da COVID-19. Em vários momentos, tive que enfrentar preconceitos e discriminação por ser indígena por parte dos povos da cidade e da academia. Minha capacidade de aprender foi questionada por algumas professoras do curso e comentavam sobre as minhas dificuldades em compreender determinados conteúdo. Eu reconheço que tinha e ainda tenho dificuldade na escrita, a utilizar o uso correto da língua portuguesa e técnica e científica. A matemática sempre foi meu desafio desde a vida escolar na aldeia, mas me esforçava e procurava dar conta dos cálculos para administração de medicamentos, por exemplo. Em alguns momentos da minha vida no curso cheguei a me questionar: - *darei conta de concluir o curso de enfermagem?*

Durante o levantamento de estudos autobiográfico, deparei com pesquisas feitas por estudantes indígenas que relatam discriminação da mulher indígena na universidade explicita que tal fato ocorre em diferentes espaços acadêmicos, relatados por estudantes indígenas. Tal situação é explicada, entre várias vertentes, pela tradição em privilegiar a monocultura; a superioridade do ensino europeu na educação em detrimento à outras culturas (DUARTE, 2017).

Outra pesquisa foi produzida por um estudante indígena do curso de administração, que revelou pontos favoráveis durante a graduação tais como apoio de alguns alunos e docentes que se empenhavam em ensiná-lo, porém, também teve que enfrentar as manifestações discriminatórias tais como, por parte de alguns colegas que questionavam, verbalmente e de forma agressivas, sobre a presença deles (os indígenas) na academia e alegavam ser a “aldeia” o seu lugar e não a cidade (CASSANDRE; AMARAL; SILVA, 2015).

Diante do exposto defini como pergunta de investigação: quais os desafios de aprendizagem como estudante indígena Chiquitano que tive que enfrentar durante a minha vida na aldeia Fazendinha “Macharaka”, na transposição para a cidade grande e durante a graduação em enfermagem?

A escolha do tema se justifica pelas possibilidades de contribuir com o processo de visibilidade, reconhecimento e divulgação sobre as experiências de aprendizagem na dimensão étnico-cultural vividas por uma estudante indígena. A relevância da pesquisa se expande para além dos sentidos ético, humanístico, étnico-cultural, social e político quando se trata da

importância de oferecer subsídios aos leitores sobre a necessidade de repensar os caminhos do acolhimento, acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem no cenário universitário.

Neste estudo adotamos o termo – **população não indígena** – para designar todos aqueles que não são indígena, respeitando assim a diversidade étnico e cultural do povo brasileiro constituídas por brancos, negros, afrodescendentes, orientais e outros, com suas especificidades sociocultural refletida na língua, religião, maneira de agir e pensar.

2. OBJETIVOS

2.1.1. GERAL

Descrever os desafios de aprendizagem encontrados pela estudante indígena da etnia Chiquitano desde a sua vida na aldeia Fazendinha “Macharaka”, sua vinda para a cidade grande e durante a graduação em enfermagem numa universidade pública federal, localizada em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

2.1.2. ESPECÍFICOS

- Delinear sobre as experiências de aprendizagem na aldeia no âmbito da família e na escola de ensino fundamental a partir das narrativas autobiográficas da estudante indígena.
- Apresentar as escolhas da estudante ao prestar o exame vestibular especial indígena do programa inclusão como parte das Ações Afirmativas na universidade.
- Tracejar os pontos fortes e frágeis da aprendizagem na durante o curso de graduação em enfermagem.
- Identificar os desafios para a aprendizagem considerando da transição da vida na cultura da aldeia Fazendinha “Macharaka”, da etnia Chiquitano para a vida na cidade e no ambiente acadêmico universitário.

3. REVISÃO DA LITERATURA

3.1.OS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

Os povos indígenas no Brasil, desde os tempos anteriores à colonização europeia possuem seus sistemas tradicionais de viver de forma que articulavam diversos aspectos da sua organização social e cultural. Em 1500, com a chegada dos portugueses, estimava-se que a

população indígena estava em torno de 800 mil a 2,5 milhões de índios distribuídos em diversas etnias e espaços territoriais. Em 1992, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), passou a incluir os índios no censo demográfico nacional. Em 2010, foi constatado 817.963 indígenas sendo estes, 502.783, vivendo em zona rural e 315.180, na zona urbana. Nas cinco regiões territoriais brasileira há grupos indígenas e, a região Centro-Oeste representa maior concentração de indígenas: 56% no estado de Mato Grosso do Sul e o restante distribuídas nos estados de Mato Grosso, Goiás e Distrito Federal (FUNAI, 2020a).

Os povos indígenas são reconhecidos na Carta Magna Brasileira de 1988:

Artigo 231 - São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens” (BRASIL, 1988).

No censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010 foi constatado 190.755.799 milhões de pessoas sendo 817.964 indígenas residentes na zona rural e urbana. Em relação a língua falada, foram registrados 274 línguas (FUNAI, 2022b).

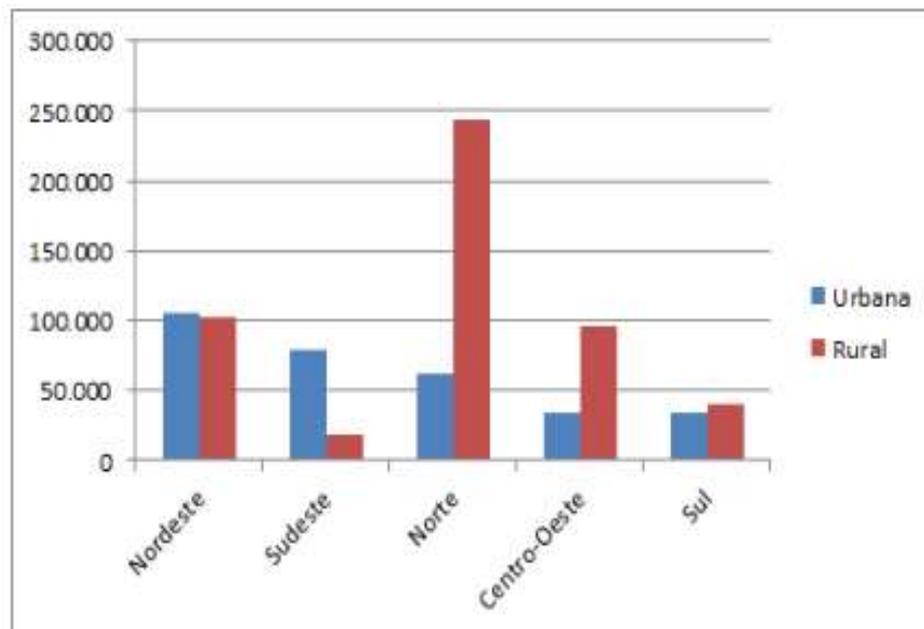


Figura 1 – Distribuição dos povos indígenas na zona rural e urbana.

Fonte: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/quem-sao> Acessado em: 27 out., 2022.

Em relação as etnias foram descritos no Quadro Geral 256 grupos étnicos de forma aproximada entre elas os Chiquitano, sendo estimado no Censo Nacional de Poblacion y

Vivendas, de 2012, uma população de 87.885 indígenas, segundo dados disponível no link: https://pib.socioambiental.org/pt/Quadro_Geral_dos_Povos

3.2. OS INDIGENAS CHIQUITANOS EM MATO GROSSO, BRASIL

Os indígenas Chiquitano fazem parte da família Chiquito que habita a região de fronteira entre a Bolívia e o Brasil. Durante as disputas entre os espanhóis e portugueses pelas regiões em que viviam os Chiquitano, estes eram reconhecidos pelos população regional brasileira como índios bolivianos. (SILVA (b), 2012).

Atualmente estão circunscritos aos estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, mais precisamente, nos municípios de Cáceres, Porto Espiridião, Pontes e Lacerda e Vila Bela de Santíssima Trindade. Vivem em trechos de domínio de rodovias, áreas concebidas pelo exército brasileiro. Foram reconhecidos pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) a partir a construção de um trecho do gasoduto que liga o Brasil e a Bolívia. (BORTOLETTO SILVA, 2007).

Agrupados numa lógica baseada nas relações de parentesco, casamentos, redes de amizades e de trocas identificando assim, seis núcleos principais: a) Limão, b) Fortuna – remete ao Destacamento Militar e abriga as comunidades de Fazendinha, Acorizal, atualmente identificados pela Terra Indígena Portal do Encantado; c) Osbi; d) São Sebastião, d) São Fabiano e f) População nas cidades de Cáceres, Porto Espiridião e Vila Bela (SILVA, 2008a).

A etnia da Vila Nova Barbecho e aldeia Fazendinha, no Portal do Encantado sofreram com a invasões dos fazendeiros envolvidos diretamente com a política do estado. Houve perdas em relação ao território, produções agrícolas, da existência material e de suas tradições (CAETANO; SILVA, 2015).

A etnia Chiquitano tem sua formação étnica-cultural a partir do século XVI, no período colonial, resultante das reduções de diferentes etnias pelas Missões Jesuítas nos pueblos misionales. Contudo, outros movimentos históricos influenciaram as mudanças culturais que hoje marcam a identidade Chiquitano, concentrados, principalmente, no século XIX, período em que se deram a formação dos Estados Republicanos da Bolívia e, posteriormente, do Brasil, e, no período mais recente, marcado pela expansão agropecuária e implantação do capitalismo no campo, mais conhecido como agronegócio (CAETANO; SILVA, 2015, p. 232).

O domínio da língua falada foi se perdendo com passar dos tempos. Os motivos para o “silenciamento” da língua materna, segundo Dunck-Cintra (2005), revela vários fatores que contribuíram para este cenário, entre eles, o extermínio de milhares de Chiquitano pelo colonizador; os conflitos linguísticos vivenciado nos redutos missionários; no contado com os

fazendeiros, na escola que apresentava ensino calcado em concepções político-doutrinárias da época e, na convivência subalterna com os militares que não permitia o uso da linguagem indígena, provocando sentimento negativa em relação à sua língua materna (SANTANA, 2012a).

Em 2010, houve o reconhecimento das Terras Indígenas (TI) do Portal do Encantado como posse permanente ao grupo Chiquitano, com portaria assinada pelo Ministro da Justiça, Luiz Paulo Barreto. Estava assegurado 43 mil hectares e perímetro de 121 km, localizada nos municípios de Pontes e Lacerda, Porto Esperidião e Vila Bela da Santíssima Trindade, estado de Mato Grosso, fronteira com a Bolívia (FUNAI, 2010c).

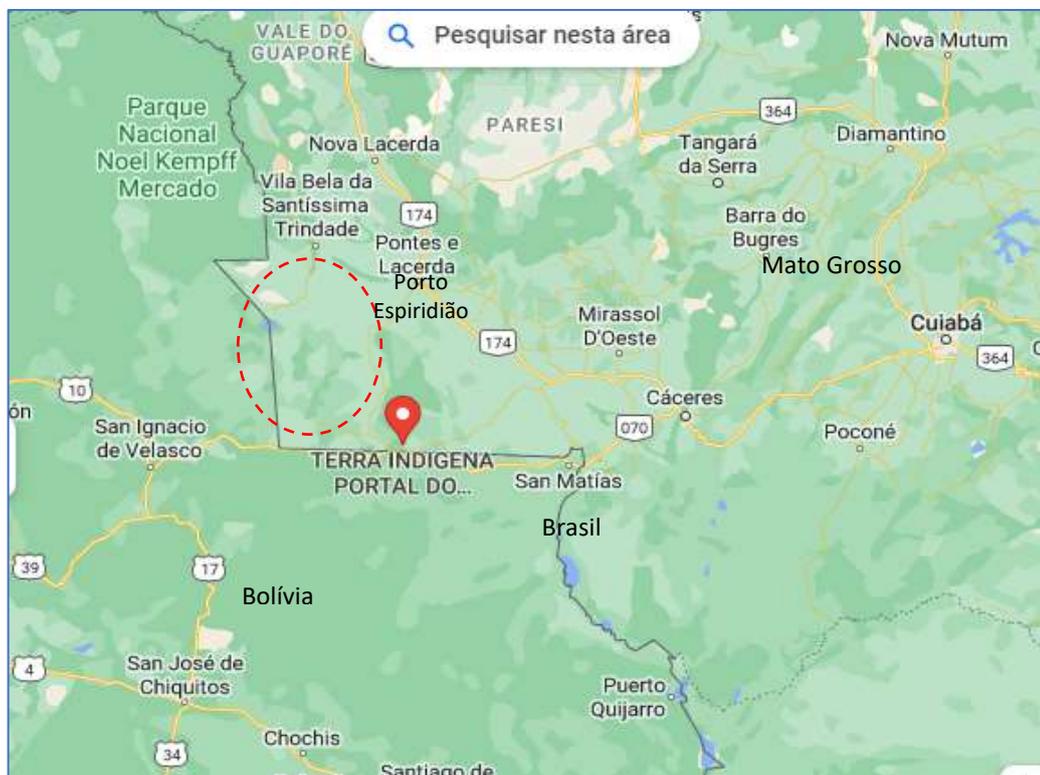


Figura 2 – Mapa da área de ocupação Chiquitano em Mato Grosso, Brasil.

Em 2020, os povos Chiquitano do Portal do Encantado sofreram outra investida em relação a suas conquistas de legalização do território, quando a Assembleia Legislativa de Mato Grosso, apresentou projeto não reconhecendo esta legalização. Foi período tenso. Houve ameaças de fazendeiros da região, sendo necessários às lideranças indígenas fechar as porteiras com cadeados durante a pandemia (ASSEMBLEIA ... 2020).



Figura 3 – Chiquitano com instrumentos musicais.
Fonte: www.google.imagem. Acesso em: 22 mar., 2022.

3.3. DIREITOS À EDUCAÇÃO DIFERENCIADA PARA OS INDÍGENA

Os povos indígenas percorreram um longo caminho de resistência e lutas para que pudessem ter seus direitos à terra, à saúde e a educação conquistados. Na história da educação, as políticas públicas tendiam aos interesses de assimilação e homogeneização dos conhecimentos, por meio da transmissão de valores da cultura da sociedade de origem europeia.

Desde a colonização a educação escolar foi utilizada como um instrumento a serviço da destruição cultural dos povos indígenas. O Estado usava a escola como uma ferramenta voltada à domesticação destes para torna-los força de trabalho para as diversas atividades que se desenvolviam na colônia. As relações que se estabeleciam eram de dominação e homogeneização cultural (ZOIA, 2010, p. 69).

A Constituição de 1988 assegurou aos índios no Brasil o direito de permanecerem índios com suas línguas, culturas e tradições, remetendo a necessidade de legislação complementar. A Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394 de 1996), destaca o direito dos povos indígenas a uma educação diferenciada (LUCIANO; SIMAS; GARCIA, 2020).

A nova LDB menciona, de forma explícita, a educação escolar para os povos indígenas em dois momentos. Um deles aparece na parte do Ensino Fundamental, no artigo 32, estabelecendo que seu ensino será ministrado em Língua Portuguesa, mas assegura às comunidades indígenas a utilização de

suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. Ou seja, reproduz-se aqui o direito inscrito no artigo 210 da Constituição Federal (GRUPIONI, s/d, p. 4)

O Artigo nº 78 da LBD/96 aponta caminhos para a criação de projetos de colaboração entre o Sistema de Ensino da União e agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, com ações voltadas para o desenvolvimento de programas integrados de ensino e pesquisa visando, entre vários itens: “[...] proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; valorização de suas línguas e ciências” (BRASIL, 1996a).

Os indígenas consideram a escola importante para as aldeias, mas começam a se organizar em relação a sua função na comunidade. Estudos realizados por Silva (a) (2012) a autora destaca que nas comunidades dos Chiquitano a escola representa o espaço para além do ensino formal quando, também, abriga as reuniões comunitárias, as festas e encontros políticos e religiosos. Na região do Portal do Encantado, a escola do Destacamento Militar era visto como uma possibilidade pelos indígenas Chiquitano da aldeia Fazendinha, para formar seus filhos, apesar das reservas em relação a proposta da escola hegemônica imposta.

Contam os moradores mais antigos de Fazendinha, que os primeiros a chegarem ao local vieram de São José para os filhos pudessem frequentar a escola do Destacamento. [...] empenho despendido ainda hoje pelos que já saíram do ensino fundamental para continuarem estudando: viajam diariamente para frequentar escola de 2º Grau em assentamento próximo a Pontes e Lacerda (SILVA, 2012a, p. 198).

As políticas de assimilação estavam claramente definidas nos projetos educacionais para os indígenas, contudo, a medida em que este grupo foi se instrumentalizando com saberes, buscando aliados e organizando estratégias de lutas, podemos dizer que atualmente, as conquistas alcançadas para o ensino básico, fundamental e superior foram se tornando presentes nas escolas e nos projetos curriculares no contexto social dos povos indígenas (LUCIANO; SIMAS; GARCIA, 2020).



Figura 4 – Escola rural Indígena em Alagoas, Brasil. 2015.
Fonte: www.google.imagem. Reportagem de 17/6/2015

Produzir conhecimentos sobre a inclusão no ensino superior dos indígenas no campo da saúde e da enfermagem tem tomado vulto quando busca referencias. Especificamente, no curso de enfermagem na UFMT, Mato Grosso, podemos dizer que ainda é frágil a produção, mas citamos o Trabalho de Conclusão de Curso realizado por duas estudantes não indígenas que, após visitarem a Casa do índio, resolveram estudar quais seriam as atribuições da enfermeira no Distrito Sanitário Especial Indígena de Cuiabá, Mato Grosso (MOURA; BARBODA; BOTTOSSO, 2007).

A preocupação com as ações afirmativas que liberaram as cotas para estudantes indígenas, foi tema da dissertação de mestrado de uma docente do curso de graduação em enfermagem nos campi de SINOP da UFMT (BOTTELHO; SECCHI, 2015).

Outro estudo relevante trata dos desafios no processo de formação de enfermeiros indígenas em Mato Grosso, realizado por profissionais do Departamento de Enfermagem, da Universidade do Estado de Mato Grosso, em Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil (NASCIMENTO; HATTOTI; TERÇAS-TRETEL, 2019).

As produções, cada um com suas especificidades, contribui para que os gestores dos cursos levem esta discussão mais a fundo e que possam, de forma coletiva, revisar e implementar no Projeto Político e Pedagógico do Curso essa temática, bem como o incentivo na produção de pesquisas e de projetos de parcerias.

4. BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICA

4.1. TIPO DE ESTUDO

Realizei um estudo etnográfico que é uma das atividades da antropologia e tem como objeto, conjunto de significantes em torno dos quais os eventos, fatos, ações e contextos, são produzidos, percebidos e interpretados, com a finalidade de desvendar a realidade através de uma perspectiva cultural (BARRETT, 2015).

Para a produção dos dados utilizei o recurso da narrativa autobiográfica onde relato minhas experiências de aprendizado em relação a formação básica na aldeia até a vida acadêmica para a graduação em enfermagem.

O uso de narrativas autobiográficas como fonte de investigação e método de pesquisa assenta-se no pressuposto do reconhecimento da legitimidade da criança, do adolescente, do adulto, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar sua própria história e de refletir sobre ela (PASSEGGI; NASCIMENTO; OLIVERIA, 2016, p. 114).

Esse método é construído pelo próprio pesquisador que é o autor e o espectador do “eu e o outro”. Ambos estão reunidos na mesma pessoa.

Trabalhar com narrativas não é simplesmente recolher objetos ou condutas diferentes, em contextos narrativos diversos, mas, sim, participar na elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir da demanda de um investigador. Por isso, o estudo autobiográfico é uma construção da qual participa o próprio investigador, razão pela qual, dada a particularidade de seu modo de produção (ABRAHÃO, 2003, p.85).

A autobiografia é um gênero baseado em sequência biográfica e a edição dos dados é feita pelo próprio narrador, que seleciona e constrói suas narrativas com base em sua história de vida (PEREIRA, 1999).

Fazer a autobiografia com a etnografia:” [...] pode contribuir para revelar a justaposição de contextos sociais que ficam invisíveis num estudo, trazendo à tona a problematização entre indivíduo e sociedade, segundo Suely Koles (2004) citado por MANICA (2010).

Os diálogos entre a antropologia/etnografia e as narrativas autobiografia são fundamentais para a compreensão dos elementos simbólicos da cultura Chiquitano com a da educação no contexto social e político que permeia toda a minha trajetória de aprendizagem.

4.2.LOCAL

Por ser uma trajetória histórica, temos três locais, espaços-temporal onde descrevo minhas experiências e desafios para de aprendizagem: a aldeia, a cidade e a universidade.

O primeiro, representa o local onde eu nasci e procuro trazer elementos desde a minha infância numa escola do ensino fundamental localizada dentro do Destacamento do Exército de Fortuna, falo da transição do ensino para uma escola improvisada pelo indígenas até a construção da escola com auxílio da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e Secretaria Estadual de Educação.

A minha aldeia Fazendinha “Macharaka” localiza-se no município de Porto Espiridião, há 340 km de Cuiabá, Mato Grosso. O cacique é autoridade máxima em relação a organização da aldeia, condução e preservação dos costumes, rituais, do modo de vida. O pajé, é um ancião muito respeitado e tem relevante papel social na comunidade indígena por ser o guardião dos conhecimentos e práticas culturais. Ambos são respeitados pelo povo indígena. Em respeito a este modelo de organização, solicitamos a eles, a permissão, por escrito, para que eu pudesse realizar o estudo (APÊNDICE 6).

O segundo local é representado pelo espaço-tempo na cidade de Cuiabá onde descrevo minhas experiências de aprendizagem sobre a vida urbana .

O terceiro é constituído pelo espaço-tempo desde que entrei no curso de graduação em enfermagem no campus universitário na cidade de Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

O curso de graduação em enfermagem foi criado em 1975, pela Resolução Colegiado Diretor nº. 80/75 e, em 2022 completou 46 anos de exigência. Em 2010 teve seu Projeto Político e Pedagógico revisado e atualizado, passando a vigorar com nove (9) semestres para sua integralização em **quatro anos e meio** ou num tempo máximo de treze (13) semestre ou **sete anos e meio**. Tem como objetivos, valorizar o desenvolvimento de competências técnico-científicas articuladas às competências políticas, compreensão-ação sobre a realidade de saúde regional dos diferentes grupos sociais, a visão crítica e pluralista do ser humano, dentre outras (PPP, 2010).

4.3. PERÍODO

Os meses de março a julho de 2022 foi destinado a construção do projeto de pesquisa, como parte da disciplina “Trabalho de Conclusão do Curso – I”. O mesmo passou por uma

avaliação por uma Banca Examinadora, aprovado com elogios. Os meses de agosto a dezembro do corrente ano, desenvolvi o projeto como exigência da disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso – II”, culminando na elaboração deste relatório de pesquisa que também passou por outra avaliação por uma Banca Examinadora.

4.4. SUJEITO DO ESTUDO

Os sujeitos do estudo foram constituídos por três indígenas, membros da Aldeia Fazendinha “Macharaka”: a estudante indígena do curso de graduação em enfermagem; seu pai, indígena residentes na aldeia e o professor indígena que leciona da escola, todos da etnia Chiquitano.

Para fins de garantir o anonimato dos participantes, foi utilizado o recurso do uso de letras maiúscula para a identificação dos sujeitos: Pais = pai da estudante indígena, Al = estudante indígena e Prof. = professor indígena da aldeia.

4.5. INSTRUMENTO PARA PRODUÇÃO DOS DADOS

Três instrumentos foram utilizados como recursos para a produção dos dados:

Primeiro - roteiro para narrativa autobiográfica foi utilizado como recurso de produção dos dados, contendo três partes: (APÊNDICE – 1).

- 1) Memórias de aprendizagem durante a minha vida na aldeia e nas escolas para formação básica;
- 2) Memórias de aprendizagem na fase de transição da minha vida na aldeia com a vinda para a cidade de Cuiabá-Mato Grosso.
- 3) Memórias de aprendizagem durante a minha vida na universidade no curso de graduação em enfermagem.

Segundo – entrevista semiestruturada aplicada aos meus pais, com a finalidade de ampliar a compreensão sobre os desafios vividos para a aprendizagem na aldeia desde o ensino básico até a inserção no ensino superior (APÊNDICE – 2).

Terceiro – roteiro das imagens fotográficas criado como suporte para a documentação de fatos e artefatos relacionados a vida na aldeia, na escola, na cidade e na academia. (APÊNDICE – 3)

A imagem contribui para ampliar a compreensão sobre os processos sociocultural, ativar lembranças e estimular as pessoas a elaborarem enunciados. Contudo, temos a compreensão de que as imagens são ambíguas e passíveis de múltiplas interpretações exigindo do pesquisador cuidado metodológico (RIOS; COSTA; MENDES, 2016).

A imagem é, simultaneamente, cultural e transcultural, temporal e atemporal e simbólica. Numa sociedade globalizada e imagética é extremamente importante levar em conta os aspectos imagéticos de uma situação social. Como a imagem criada tende a ser confundida com o objeto real do mundo, ela cumpre a função de naturalizar um conjunto de ideias, um discurso que pode ser politicamente interessado ou ideológico (MEDINA FILHO, 2013, p.268).

Inclui imagens produzidas por mim utilizando a câmera de celular, outras foram cedidas por familiares e algumas levantadas na internet.

4.6. ANÁLISE

Trata-se de uma etapa complexa que tem por finalidade o estabelecimento:”[...] de uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder as questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado articulando-o ao contexto cultural da qual faz parte” (DESLANDES, 1994, p. 69).

Conceitos sobre cultura, educação e aprendizagem foram os fundamentos que alicerçaram a análise.

Com significado do ponto de vista antropológico a cultura tem múltiplos sentidos e foi se constituído no transcorrer da história por diferentes antropólogos.

Cultura é o modo próprio de ser do home em coletividade, que se realiza em parte consciente, em parte inconsciente, constituindo um sistema mais ou menos coerente de pensar, agir, fazer, relacionar-se, posicionar-se perante o Absoluto, e, enfim, reproduzir-se (GOMES, 2013, p. 36).

Cultura é aprendida, compartilhada e transmitida através da socialização. Ela não se baseia somente em hábito e tradição, pois ela também é moldada pelas emoções, forças políticas, o meio ambiente e o nível tecnológico (BARRETT, 2015). O antropólogo Clifford Geertz acredita que o homem é um animal amarrado em teias de significados que ele mesmo teceu. Ele defende a ideia de que cultura deve ser vista como uma ciência interpretativa em busca de significados e, com esse entendimento, entender as questões estruturais da sociedade (MORGADO, 2014).

O conceito de cultura semiótico se adapta especialmente bem. Como sistema entrelaçado de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações províncias), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, alto dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligíveis – isto e, descritos com densidade (GEERTZ, 1978, p. 24).

Educação é uma palavra polissêmica e faz parte da cultura de um povo. Os pressupostos teóricos de Paulo Freire sobre a educação formal nas escolas foram oportuno uma vez que o autor busca estabelecer à escola, seu papel de reflexão crítica sobre a realidade; de educar com o compromisso voltado para seu povo. O autor defende a educação que liberta e não aquela que adapte nem domestique ou subjogue a pessoa. Para tanto, é importante que escola com os profissionais envolvidos com o trabalho, o processo de ensino e aprendizagem possam favorecer a convivência e permitindo a superação. Nesse sentido, é fundamental que programas e métodos de ensino possam, parafraseando Freire (1997), permitir ao homem: [...] chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história” (FREIRE, 1997, p.45).

Aprendizagem como parte do processo educativo com relação entre idade, maturação, aquisição de habilidades e saberes que requer um tempo de dedicação do estudante para a maturação (GALVÃO; CÂMARA; JORDÃO, 2012).

Cultura, educação e a aprendizagem se amalgamam no contexto histórico, social e político onde a escola tem papel importante na preservação ou dizimação de costumes dos povos indígenas.

A escola para os povos indígenas surge de forma impositiva, com a chegada dos colonizadores em conjunto com a ação evangelizadora da Igreja, tendo como princípios a conversão religiosa e o uso de mão de obra. Neste período, a educação seguia o modelo tradicional, com base nesses dois princípios, caracterizada pela transmissão de informações tidas como verdades absoluta e inquestionável, onde cabia ao aluno apenas armazenar na memória os conteúdos e devolvê-los quando solicitados. Este modelo de aprendizagem muito contribuiu para ação integracionista, destruindo desta forma a cultura indígena e a forma de organização existente (BROTOSLIN; CRUZ, 2009, p. 25)

Sistematizei os dados em três etapas, com base em Deslandes (2011):

- Primeira etapa: transcrição das narrativas produzidas na entrevista e dos meus depoimentos autobiográficos numa trajetória espaço-tempo com fatos desde a vida na aldeia, na cidade e no curso de graduação em enfermagem. Procurei incluir imagens com o objetivo de ampliar a compreensão a análise e a interpretação do material.

- Segunda parte: momento da construção do grande “mosaico” onde, após leituras exaustivas do material, fui abstraindo os sentidos subjacentes a minha trajetória da aprendizagem na tessitura dos significados. É o momento da leitura dialogada com as partes com o todo do texto da análise previamente selecionada, identificando os núcleos de sentido.
- Terceira parte – realizei a síntese interpretativa, ou seja, momento de adensamento da análise fundamentada nos conceitos cultura, educação e aprendizagem.

Com esta proposta e considerando os três espaços-tempos agrupei e refleti sobre fatos relacionados ao meu aprendizado, num processo dialógico entre mim e a orientadora desta pesquisa que muito contribuiu para que eu chegasse a este resultado:

- a) VIDA NA ALDEIA CHIQUITANO: brincar, aprender, decidir.
- b) VIDA NA CIDADE: adaptação, saudades, aprender novos costumes.
- c) VIDA ACADÊMICA: aprender a ser enfermeira na sociedade tradicional.

4.7. ÉTICA NA PESQUISA COM SERES HUMANOS.

Com base nos preceitos da Resolução CNS nº 304/2000 que trata da pesquisa com povos indígenas e a Resolução CNS nº 466/2012 que preconiza as diretrizes sobre a ética da pesquisa com seres humano, a professora orientadora, protocolou o projeto no sistema da Plataforma Brasil com os seguintes documentos apensados:

- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice – 4).
- Termo de compromisso da estudante pesquisadora (Apêndice – 5).
- Carta de anuência do Cacique e Pajé da aldeia Fazendinha (Apêndice – 6).
- Carta de anuência da diretora da Faculdade de Enfermagem (Apêndice – 7)
- Folha de rosto da Plataforma Brasil (Anexo -1).

O projeto teve uma avaliação preliminar por parte do CEP com sugestão de que fosse revisto alguns apêndices. Contudo, devido o retorno em cima dos prazos para a conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – II, não foi possível providenciar as correções.

Iremos reapresentar no próximo ano, o projeto a Plataforma Brasil com as correções e sugestões feitas pelo comitê com a finalidade de obter o parecer favorável e enviarmos para publicação em revistas científicas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DA ESTUDANTE INDÍGENA

5.1. VIDA NA ALDEIA CHIQUITANO: brincar, aprender e decidir.

Eu nasci de parto normal em casa, no dia 15 de abril de 1991, na aldeia Fazendinha, terra indígena do Portal do Encantado. Sou do povo “ Chiquitano”.

Minha família é composta por mim e mais três irmãos, sendo 3 meninas e um menino. Meu pai tem 62 anos e minha mãe 51 anos e vivem na aldeia. Meu pai é o cacique e meu avô é o pajé. Todos meus irmãos tem sua família. Atualmente, somente eu que moro com meus pais na aldeia.

No dia 12 de agosto, realizei as primeiras conversas com meu pai e minha mãe que responderam às perguntas de forma bem tranquila e clara. Para eles, lembrar foi um prazer, pois segundo os mesmos houve um retorno no tempo, por meio da memória de suas histórias de vida na aldeia. Senti que eles têm o prazer de contar suas histórias. Minha mãe lembrou-se de datas e lugares importantes da vida do povo Chiquitano.

Minha mãe relata que no período de 1987 a 1988 ela tinha formação de 8ª série e foi contratada pela prefeitura para dar aulas no ensino fundamental [...] não precisava de ensino médio e nem ter formação de professor para ministrar aulas. Ela teve experiência como professora numa Escola Municipal Indígena para as comunidades das aldeias do povo Chiquitano em Acorizal, para alunos de séries iniciais 1 a 4 ano, antes de casar com o meu pai. Ela domina a língua portuguesa na escrita e na fala. Depois que se casou, deixou as atividades de ensino.

Ambos contaram que a aldeia Fazendinha surgiu em 1912, quando chegaram os primeiros indígenas habitantes desse território. De acordo com suas lembranças, eram em grande número, mas com a epidemia de Sarampo, conhecida como "bexiguinha", muitas pessoas morreram e outras foram embora, fugindo para diferentes locais com medo da doença.

Por volta de 1912 a 1913 na região, segundo eles, foi implantado o quartel do Destacamento Militar do Exército de Fortuna gerando receio e medo por parte dos

indígenas da nova situação, pois o exército impôs a condição de que os indígenas deveriam falar somente a língua portuguesa, intimidando os que ainda possuíam o domínio da língua materna.

Havia um impedimento, ou seja, proibição de falarem sua língua materna porque eles (os não indígenas) não compreendia a fala dos indígenas e assim foi passando. Aí os indígenas foi perdendo sua língua materna. Hoje, somente os anciãos ainda a falam. Eu mesma não tive oportunidade de falar minha língua materna, pois cresci e vivi minha infância na escola do quartel. Ajudava minha mãe nos afazeres nas casas dos soldados.

Hoje eu sei algumas palavras da minha etnia como: “Orinha raime” bom dia ou como vai você quando você cumprimenta uma pessoa; “Macharaka” quer dizer “rico”; “Mastakamã” bonito; “Tchurapa” amigo; “Paamã” lua, “Tuurs” água.”Suchus” terra.

Nos anos de 1940 a 1941, com a chegada do Exército Brasileiro na região de Porto Espiridião foi criado um Posto do Departamento Nacional de Estrada de Rodagem (DNER) responsável pela construção de uma ponte sobre o rio Jauru e com ela, houve o crescimento da oferta de emprego de mão-de-obra indígena para os serviços braçais (BORTOLETO SILVA, 2007).

A criação de “Colônias Militares” que mais tarde passou a ser conhecidas como Destacamento Militar de Fronteira, deu-se nas regiões de Corixa e Casavasco em 1940 e de Fortuna em 1941 com o objetivo de reocupação das fronteiras Brasil-Bolívia (Histórico ... s/d).

Nesse contexto e com a necessidades de controlar os índios, o exército proibiu o uso da língua materna no ambiente de convívio entre indígenas e não indígenas. No espaço da escola, não estimulou a preservação da cultura.

Escola do Destacamento do Quartel de Fortuna

Meu aprendizado começa na casa depois vai para a escola. Meu pai e minha mãe colocaram que eu fui para a escola do quartel quando completei 7 anos. Implantaram a escola militar desde 1913, dentro do destacamento militar e quem dava as aulas eram os militares e suas mulheres. Eles ensinavam os Chiquitano a aprender a ler e a

escrever em português. A distância da aldeia Chiquitano até a escola do quartel era aproximadamente seis quilômetros, e as crianças iam a pé, pela manhã. Essa escola era de alvenaria com duas salas bem enormes e no meio um corredor onde tinha a cozinha e a dispensa onde colocava a merenda escolar. Atualmente a escola foi transformada em quartos de utilidade para os soldados.

Eu não faltava às aulas. Eu gostava de ir na aula e pegava leite em pó (que o governo dava na merenda) comia puro, escondido da professora. Eu brincava muito de correr com as outras crianças. Fazia tudo que as professoras pediam, mas já, naquela época, eu não gostava de matemática. Eu gostava de fazer leituras dos livros. Me lembro da história onde tinha uma galinha. Gostava de copiar as tarefas de escrever tal como a lição do “pa, pe pi po pu”. Tinha que preencher todo o caderno.

Minhas tarefas da escola, que eu me lembro, eram lição no caderno de caligrafia; contas para resolver; escrever história. Minha mãe me acompanhava e às vezes ficava brava porque eu brincava e deixava meus compromissos para depois. Minhas dificuldades eram com o português e a matemática. Minha irmã mais velha era boa nessas matérias. Meu irmão exigia muita supervisão da minha mãe porque ele não gostava de estudar. Gostava de pescar, caçar, atua na roça. Hoje ele está casado e ajudou sua esposa a estudar e ela se formou como professora indígena e agora atua como a diretora da escola indígena. Eles tem uma filha que quer ser médica e eles estão se esforçando para realizar o sonho dela.



Figura 5 – Destacamento militar de Fortuna.

Fonte: www.google.imagem.

Minha mãe relata que todos os finais de mês os professores da escola convocavam os pais para realizar reuniões para saber como seus filhos estavam, em relação ao aprendizado. Dentro de casa tinha que fazer os deveres e fazer a tarefa no caderno. Eles exigiam pra ver se aprendia a ler e a escrever. Todo final de mês tinha reunião.

Quando tinha data comemorativa, tinha que ir e ajudar: dia do soldado, dia da bandeira, dia dos professores, dias das crianças. Tudo era comemorado e aí tinha que ajudar. Os pais levavam galinha caipira, fubá de milho pra fazer “aloá” uma bebida de milho seco torrado e depois socado e retirado somente o farelo.

Todos os domingos tinha que ir à igreja assistir à missa. No final do ano eles chamavam a comunidade indígena para comemorar, junto com eles, o dia do Natal.

Em relação às datas comemorativas dos povos Chiquitano, a festa do Curussé (carnaval) era mantida, mas a comunidade do exército não participava. Assim como as festas dos santos “São João Batista” (junho), “Nossa Senhora Aparecida” (maio) e “São Sebastião” (janeiro). Estas festas são organizadas pela aldeia e acontecem na própria comunidade.

Curussé ou carnavalito ou festa de padroeiro é uma festividade onde são desfeitos os conflitos é tradição dos Chiquitano. Se constitui numa prática corporal religiosa que retoma os sentidos de quem somos e por que somos, revitalizando no corpo a fé cristã por meio de ritual que agrega famílias e a regra básica é pular e dançar. (GRADO; QUEIROZ, 2013; PACCINI, 2012).

Minha mãe relata que eles (a comunidade indígena) eram subordinados ao quartel em relação ao acesso à escola, saúde e igreja, pois segundo eles, era mais próximo para serem socorridos, tinham inclusive, remédios para picada de insetos e cobras. Havia também atendimento de enfermagem e duas vezes no ano, visita de médico do quartel

Algumas mulheres indígenas trabalhavam como domésticas nas casas dos militares e recebiam seu salário. Os homens eram convocados para realizar mutirão de limpeza e outras atividades no quartel mas não recebiam.

Escola da FUNAI no Portal do Encantado

Em 2000, com a chegada da FUNAI, a escola e o atendimento à saúde foram desvinculados do Quartel. [...] alegaram que iriam montar tais estruturas. Como não houve uma resposta imediata, os indígenas fizeram um “galpão” improvisado para abrigar os estudantes indígenas até que fosse construída a escola pela Secretaria de Educação (SEDUC).

No quartel do destacamento Fortuna, com professores mulher de militar, a gente estudou até 4º série, depois a 5º série começou a escola na escola na aldeia Fazendinha improvisada na casa de um senhor que cedeu sua escola, com professores indígenas.



Figura 6 – Escola rural dos indígenas na aldeia Chiquitano.

A escola improvisada era muito desconfortável. A gente sentia frio e quando chovia também se molhava. Era frequente aparecer insetos. Essa situação durou até o ano de 2004 quando foi fundada a Escola Estadual Indígena Chiquitano” entre as aldeias de Acorizal e Fazendinha, construída com material de alvenaria, com verba da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso (SEDUC).

A Fundação Nacional do Índio (Funai) é o órgão criado em 1967 em substituição do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) por meio da Lei 5.371. e é responsável pela promoção e

proteção aos direitos dos povos indígenas de forma a preservar sua cultura e garantir a pluralidade étnica. Com a criação do Estatuto do índio, em 1973 (lei n. 6.001) e a Constituição de 1988, artigo 231, que trata dos direitos assegurados aos povos indígenas . O papel da Funai além da demarcação das terras, também é responsável pela educação indígena e estabelecer a articulação interinstitucional visando acesso da população indígena aos direitos sociais e de cidadania (FUNAI, 2020a).

A estrutura física da escola, quando precária torna-se um desafio da aprendizagem uma vez que a arquitetura tem papel fundamental no processo educacional. Para a criança, o espaço, as cores, a estrutura física reflete diretamente em sua adaptação e desenvolvimento cognitivo. Quando não encontra tais requisitos, pode ser motivo de desistência, e nesse sentido:

(...) percebe-se que as edificações escolares, em sua maioria, são de má qualidade e não atendem aos mínimos requisitos de conforto. Um dos motivos atribuídos a esse descaso é a pouca importância dada às instituições de ensino destinadas às camadas populares (SANTANA, 2010a, p.7).

Nessa trajetória fica explícito o DESAFIO em relação a superação da imposição de uma cultura do povo não indígena, militar sobre o povo indígena chiquitano conferindo uma nova identidade cultural. Nesse sentido, Geertz nos alerta sobre a interação entre cultura e poder:

[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, alto dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligíveis – isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 1978, p. 24).

Educar com compromisso voltado para o povo era a premissa do educador Paulo Freire quando este escreve sobre o papel da educação que liberte e não domestique (FREIRE, 2001)



Figura 7 – Escola rural Indígena da SEDUC no Portal do Encantado.
Foto tirada em 2021 da escola na aldeia Terra Indígena Portal do Encantado.

O aprendizado da linha portuguesa a professora foi minha tia. Ela explicava bem, pedia para a gente ir na frente do grupo e explicar sobre a aula dada. Era difícil aprender os verbos, plural, advérbios e redação e outros conteúdos.

Os conteúdos de química eram dados pelo professor e eu me lembro de uma aula sobre com carvão e areia para fazer um filtro de água. Nós tínhamos aulas no campo, ver o rio, na serra, ver a natureza. Ele estimulava o grupo para tirar fotos, selecionar e mandar pra ele. Eu tinha máquina fotográfica digital e ele olhava as imagens e explicava a geografia. A gente aprendia sobre os lugares.

Ele falou sobre como ser indígena, ser professor de indígena e de alunos indígenas. Diz que se sente muito grato em compartilhar seu conhecimento para os alunos indígenas e outra realidade.

Neste momento fica subentendido nas narrativas o papel dos métodos de ensino adotados pelo professor e a obtenção de resultados. Romper com os modelos tradicionais de ensino, baseado na transmissão não garante aprendizagem. Outras formas de ensinar que envolvam o aluno a construir seus saberes é um caminho a ser trilhado junto com o professor.

A aprendizagem é um processo dinâmico. “Ensinar e aprender são como as duas faces de uma mesma moeda (GONÇALVES, 2013, p.33)”.

Os movimentos de organização social e política do povo Chiquitano, favoreceram ao resgate da cultura e da identidade, conforme descrito nos estudos realizados por Dunck-Cintra (2017).

A partir de 2004 os Chiquitano ressurgem no cenário brasileiro e começam a lutar para terem de volta a sua identidade étnica indígena, outrora alijada, apagada pelo processo colonizador (DUNCK CINTRA, 2016, p. 434).

Uma das possibilidades para romperem com o silêncio ocorreu quando demandaram uma escola própria na Terra Indígena Portal do Encantado, paralelo ao ingresso de alguns professores na Faculdade Indígena intercultural na Universidade do Estado de Mato Grosso em 2006 (DUNCK-CINTRA, 2016).

5.2. VIDA NA CIDADE: adaptação, saudade, aprender novos costumes.

Fiquei sabendo do vestibular especial indígena através das lideranças indígenas (pessoas mais velhas que iam a eventos de militância sobre os direitos indígenas) e que traziam para nós informação para o povo da aldeia Chiquitano.

Pensei em fazer medicina, mas achei que seria muito concorrido e não iria passar. Optei pelo curso de Saúde Coletiva e não passei. Então, numa outra tentativa escolhi enfermagem porque achei interessante essa área da saúde, por ajudar a cuidar de pessoas, melhorar a qualidade de vida do ser humano. isso é muito importante, saúde, educação, higiene.

Quando eu tinha 22 anos tive experiência na assistência à saúde. Fui auxiliar de dentista no Posto de Saúde Indígena Chiquitano. O dentista ensinou muitas coisas como ensinar as crianças a escovar os dentes e passar o fio dental, ensinou os procedimentos odontológicos. Eu ajudava na limpeza e esterilização dos materiais e no manuseio da autoclave do posto. O dentista não era indígena. Trabalhei dois anos como voluntária e não recebi pagamento. Depois, foi instituída a função com remuneração, mas a escolha era por meio de votação dos membros de todas as

comunidades das aldeias (Acorizal e Fazendinha) e eu perdi para outra indígena. Fui prestar vestibular indígena. Esta experiência me aproximou da área da saúde e da enfermagem e eu pude entender mais o que eu queria.

Meu avô que é o pajé da aldeia, tem mais de 90 anos e ainda é um estudante. Ele é nossa referência em relação a muitas coisas sobre saúdes.

Mudança para a cidade grande

Pra mim foi diferente, foi algo novo, foi uma experiência que nunca tinha vivido isso. Eu nasci e cresci na aldeia. Eu imaginava que não ia me adaptar em cidade grande achava que algo de outro mundo. Eu não tinha noção de andar nas ruas eu achava que era muito carros. Eu já tinha ido a outras cidades com seus pais, como Porto Esperidião e Cáceres para fazer compras e ou passear com meus parentes.

Minha mãe relata que, primeiramente sentiu feliz por eu estar fazendo faculdade, mas ao mesmo tempo se preocupava porque eu ia morar sozinha numa cidade grande. Ela sentia por que sabia que indígena sofre muito preconceito, mas todas as vezes ela pedia a Deus para enviar pessoas boas para ajudar. Ela fala que foi muito bom ter acesso à internet, porque ela pode falar com filhos onde estivessem. Fala que hoje tem acesso à Internet WhatsApp e pode falar todos os dias.

A saudade

Eu sentia muitas saudades dos meus familiares, do meu povo, da minha aldeia, parentes, amigos e dos costumes da aldeia. Sentia falta do rio, pois na minha aldeia tem um que eu ia todos os dias tomar banho, brincar, lavar roupa e louça. Hoje em dia não lavamos roupa nem louça mais no rio, fazemos em casa com água encanada. Mas, ainda brincamos muito no rio. Nunca escrevi cartas, não sabia como enviar e nunca tentei usar o correio. Às vezes ficava triste e chorava à noite.



Figura 8 – Minha família.
Foto tirada em 2021.

O Portal do Encantado tem 4 aldeias: Fazendinha, Acorizal, Mastakama e Nautukirch Pisorch, todos da etnia Chiquitano totalizando, aproximadamente, 200 pessoas.



Figura 9 -Visão geral do Portal do Encantado. Mato Grosso. Brasil.
Foto tirada em 2013.

Temos nossos costumes como bebidas tradicionais: chicha de milho; chicha de mandioca; chicha de banana; chicha de bocaiuva feito através do cozimento e depois

bate no pilão até amolecer e espera fermentar antes de beber. As festas tradicionais e comidas tradicionais: patasca (feito de milho cozido com carne caça como a anta, veado, porco do mato); beiju (mandioca); caldo de banana verde e mandioca

Atualmente, a aldeia Fazendinha onde eu nasci resultou em 27 famílias totalizando 54 pessoas que vivem em casas feita de pau a pique, com cobertura de palha de indaiá. Cada família tem seu espaço, possuem plantação ao redor da casa.

As casas dos povos Chiquitano é feita de pau a pique, coberta o telhado de palhas conhecida como indaiá, e as paredes feitas com barrotes madeira e embarado com barro, modo de preparar desse barro fazer massa com barro idêntico a massa de pão, mas somente com água e barro e depois grudar da paredes, esculpindo com as mãos



Figura 10 – Desenho de crianças Chiquitano das casas da aldeia.

A casa é dividida os quartos divididos de tábuas sendo os 2 quartos e a sala fica no centro, entre o meio dos quartos, com um banheiro dentro da casa feito de alvenaria, mas que falta de uma reforma no momento. A cozinha é ao lado da sala com um fogão de barro e outro fogão de gás, e uma pia e uma mesa.



Figura 11 – Artefatos indígenas Chiquitano.
Banquinhos e cesta. 2022.

Dentro da casa tem espaço para preparo de alimentos com fogão de lenha e a gás. Tem mesa, cadeira, mais recentemente, temos água encanada, pia, banheiro com sanitário e chuveiro. Tem caixa d'água que é abastecida pela fonte da mina que fica na serra Portal do Encantado. Tem um córrego que passa pela aldeia. A água é límpida. Abastece toda as aldeias. A Energiza estruturou a rede elétrica. Temos internet com a instalação da torre da Giga Net. Todas as famílias tem celular. Todos estes benefícios não tinha na minha infância.



Figura 12 – Utensílios e brinquedos Chiquitano.
bânico, peneira, gamelas, petecas e boneca

Minha casa possui terreiro com galinhas, 3 cachorros, 2 gatos, plantações à beira da casa como caju, limão, acerola, goiaba, pé de mangueiras

No espaço comunitário da aldeia, tem um galpão que abriga a Associação do Povo Indígena Chiquitano (APIC) fundada em 2012. Tem também uma igreja católica fundada em 2017 e concluída em 2018.

Na associação o povo da aldeia oferta curso da pastoral da criança. Eu fiz cursos e fui voluntária. Aprendi a cuidar das crianças. Aprendemos a fazer multimisturas para nutrir as crianças, preparar os lanches. Na igreja, com o padre, na aldeia com os anciões e meu avô aprendi a ter fé e a ler a bíblia.

A Pastoral da Criança tem seu início em 1983 como proposta construída pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e é ligada à Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz. Realiza trabalho de prevenção, multiplicando o saber e solidariedade a famílias pobres em diversos municípios brasileiros, incluindo os povos indígenas. O método de ensinar é baseado numa pedagogia problematizadora com participação comunitária. (LIÇÕES ..., 2003).



Figura 13 – Eu reunida com mulheres indígenas: Chiquitano, Bakairi e Umutina

Aprendendo a ser e conviver em minhas moradas

Minha primeira moradia foi com meu primo que prestou vestibular indígena primeiro em 2010 e já fazia o curso de Serviço Social. Era casado com uma indígena e tinha uma filha.

Foi uma experiência muito boa e eles me ensinaram a ajudar na casa, dividir aluguel, alimentação, como pegar ônibus, ir ao banco, e outras coisas da cidade. Conheci o cinema num shopping e gostei de assistir. Foram muitos filmes de ação.

Depois morei em vários locais junto com outros parentes da aldeia e não indígenas. Morei com uma estudante indígena do curso de medicina da etnia Pareci; com outra estudante indígena do curso de enfermagem da etnia Umutina; morei com uma senhora não indígena, que era professora também, e aprendi muito com ela. Ela era exigente e me ensino sobre organização na casa, limpeza, a comer legumes e conheci com ela a beterraba. Ela, constantemente, falava sobre a importância de estudar. Morei também, com uma tia mais velha, que é Chiquitano, muito exigente e me ensino a ter fé e íamos todos os domingos A igreja católica.

Na cidade eu achava que estava dentro de um presídio com todos aqueles muros cercando as casas. Estranhei o chuveiro no banheiro. Luz elétrica. Carros com seus barulhos. Televisão. fogão a gás. Concentração de pessoas. Lojas. Prédios. A alimentação não achei muito diferente, mas senti falta das comidas tradicionais. Em relação ao transporte achei bem complicado.

Achei corrido ir até a faculdade. Primeiro achei difícil pegar ônibus, achava que eu não ia conseguir. Em relação ao sustento, a princípio meu primo me ajudou bastante, meu pai até sair o auxilia da bolsa que não foi imediato. Demorou um ano.

Enjoei de dormir no colchão no chão na minha primeira moradia. Eu não tinha cama e o piso era úmido. Não tinha guarda roupa. todos os meus pertences ficavam na mala. Comprei uma cama e um guarda roupa, mas nas minhas mudanças aqui em Cuiabá, eu deixei o guarda roupa como pagamento de aluguel.

Atualmente só tenho a cama. Moro com uma prima que tem dois filhos (menina 14 e menino de 7) que vivem na aldeia com os avós. Estamos somente eu e ela numa quitinete com dois cômodos: área com tanque de lavar roupa, cozinha (fogão, geladeira e uma mesa que é usada para guardar vasilhas e as vezes utilizo para estudar), um quarto com duas camas, um banheiro com vaso, chuveiro e pia. Ela trabalha no comércio e ajuda muito com a alimentação, a arrumar a casa. Ela é bem disciplinada e enérgica.

O DESAFIO da adaptação na cidade grande foi superado com a ajuda dos parentes próximos que contribuíram com o meu processo de aprendizagem sobre a vida na cidade. Fato este que foi além da aprendizagem formal na escola.

[...]não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história (FREIRE, 1997, p. 9)

5.3. VIDA ACADÊMICA: aprender a ser enfermeira na sociedade tradicional

Tivemos o trote de pedir dinheiro no semáforo. Puseram apelido nos alunos e eu recebi o nome de índia Potira. Deram um ovo para levar pra casa e não quebrar e outras brincadeiras. Eu gostei. foi um dia de acolhimento dos alunos me lembro como se fosse hoje, os alunos veteranos, passava os informes relacionados a faculdade onde buscar, os recursos da própria universidade.

No primeiro dia de aula fui bem recebida pelos colegas de sala. Eu me apresentei dizendo que era aluna indígena. Todos ficaram admirados, fizeram perguntas, perguntaram sobre a aldeia e se a gente andava pelado.



Figura 14 – Minhas primas da aldeia chiquitano com roupas de buriti, colares de coco e pinturas num dia festivo. Foto disponível em: <https://agroecologia.org.br/2015/12/04>
Acesso em: 20 out.,2022

A interação com os colegas trouxe à tona as fragilidades em relação ao conhecimento do povo mato-grossense, principalmente sobre a população indígena. A imagem primitiva do índio ainda é divulgada na mídia, sendo um DESAFIO a superação dos estereótipos no cenário acadêmico sobre quem é o índio. Nesse sentido:

A imagem do indígena na sociedade, bem como na mídia ainda é carregada de olhar etnocêntrico. O indígena não é valorizado, e os meios de comunicação têm uma tendência a fortalecerem preconceitos contra os povos nativos, a partir da publicação de notícias distorcidas ou em que a voz do indígena não aparece para se contrapor à voz do não-índio. A mídia, por ter poder de formar opiniões, termina, na maioria das vezes, ajudando a desvalorizar esses grupos minoritários (BATISTA; SILVA, SIMAS, 2015, p. 4)

As diferenças na alimentação

[...] gostei das comidas no Restaurante Universitário, apesar de sentir muito gosto de adição de tempero e achar comida industrializada, diferentes da alimentação da aldeia.



Figura 15 Panorama do hall de entrada do RU da UFMT.
Disponível em <https://www.google.com/search?q=Restaurante+Universitario+da+UFMT>
Acesso em: 20 out., 2022.



Figura 16 Reunião de mulheres no preparo de alimentos
Disponível em: <https://agroecologia.org.br/2015/12/04> Acesso em: 20 out., 2022.

O curso de graduação em enfermagem na faculdade e os desafios para aprender

As disciplinas optativas, eu não consegui me inscrever na Educação Física. Fiz as disciplinas de Étnico raciais e Libras para saber a importância de aprender para se comunicar com pessoas deficientes auditivo.

Tive dificuldades em aprender uma rotina de estudo. Aprendi a usar a biblioteca e, primeiramente busquei o meu aprendizado com os livros da biblioteca central, depois, conheci a biblioteca do hospital universitário. Pegava os livros para ler e fazia um resumo sobre o tema estudado em meu caderno. Nas bibliotecas aprendi a utilizar a internet e a usar o computador. Isso foi bom para mim .

A inserção de indígenas nos espaços acadêmicos deu-se nos anos 1990 com a celebração de convênios entre a Fundação Nacional do índio (FUNAI) e algumas instituições privadas e comunitárias. “Com a Lei Federal n. 12.711 de 2012 ampliou as possibilidades de formação acadêmica de indígenas”(NASCIMENTO; HATTORI; TREÇAS-TRETTEL, 2019, p. 48).

As dificuldades em aprender tem várias vertentes, contudo, sabemos que não basta somente oferecer acesso, faz-se necessário a criação de novas formas de ensinar quanto se pretende superar o modelo eurocêntrico, que privilegia culturas hegemônicas, além de romper com a visão biologista, curativa e hospitalocêntrica sobre o processo de adoecimento e possibilidades de tratamento.

As políticas afirmativas para os povos indígenas

As políticas públicas de ações afirmativas foram criadas no sentido de eliminar a desigualdade e a inclusão de programas étnico-raciais no Brasil, com proposta de vagas para negros e índios nos cursos de graduação. E a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) iniciou a implantação do Terceiro Grau Indígena com a criação de 200 vagas no curso de licenciatura para os povos indígena” (SILVA; SERRA, 2011, p. 16).

O Programa de Inclusão Indígena (PROIND) “Guerreiros da Caneta” foi desenvolvido desde 2007 na Universidade Federal de Mato Grosso e já atendeu vários estudante indígenas que se inscreveram em cursos de Administração, Ciências Econômicas, Ciências Sociais, Comunicação Social/Jornalismo, Direito, Enfermagem, Engenharia Florestal, Engenharia Sanitária e Ambiental, Farmácia, Geografia, Medicina, Nutrição, Serviço Social e Psicologia (UFMT, 2007).



Figura 17 – Indígenas aprovados no vestibular especial indígena da UFMT.
Foto do meu acervo pessoal

O Programa de Inclusão Indígena (PROIND) da universidade oferecia a monitoria estudantil exclusiva para alunos indígenas. Era composta de alunos próprio curso de graduação em enfermagem.

Teve uma época que as monitoras não tinha orientações certa sobre o que deveria fazer e ela não correspondia ao programa, não tinha cronograma nem definição do que era para estudar.

Mais adiante, a condução do programa foi melhorada e a nova professora orientadora das monitoras, as orientou e elas passaram a construir um roteiro e um cronograma de trabalho de estudo junto comigo.



Figura 18 - Monitoria estudantil para alunos da PROIND e PROINQ

Foto do meu acervo pessoal. Momento de descontração das estudantes indígena e quilombola nos encontros com as monitoras do Programa de Monitoria Estudantil da Pró-Reitoria de Apoio Estudantil (PRAE)², dezembro de 2019

Nos encontros de monitoria as vezes eu falava, mas sempre que eu não entendia das aulas e elas explicavam e eu compreendia. Tentava aplicar na prática. Contudo, eu tive oito reprovações durante a minha graduação. Reprovei nas disciplinas de Biologia e Genética Humana; Anatomia Humana, Fisiologia, Processos bioquímicos humanos e Saúde do Adulto. Achei muito difícil este conteúdo. Repeti duas vezes as disciplinas de Fisiologia e bioquímica. Na época, as monitoras também tinham dificuldades em ensinar.

Nem sempre, conseguia dar conta das atividades propostas pelas monitoras, pois tinha outras atividades das disciplinas do semestre.

Eu procurei estudar em “vídeos aulas” disponíveis na internet. Aprendia melhor. Os “vídeos aulas” são diferentes das aulas em sala de aula. São mais dinâmicos e parece que eles ensinam mesmo. Atualmente ainda utilizo este recurso além dos livros, leitura de artigos e as vezes pergunto para os colegas.

² PRAE – Pró-Reitoria de Assistência Estudantil desenvolve ações voltadas para os estudantes da PROIND (indígenas) e PROINQ (quilombolas).

Não tenho costume de perguntar para o professor, pois tenho medo de “parar a aula”, de se expor. Ser vista como a única que não aprendeu. Apesar de alguns professores perguntarem se estão entendendo, tem alunos que “mentem” que sim..

As experiências que marcaram, foi aula de Fisiologia apesar de ser difícil, aprendi como funciona o nosso organismo, e a Anatomia que conhece cada parte do nosso corpo. As aulas práticas de anatomia. tinha que saber os nomes dos ossos. Ainda me lembro.

No curso, tem muitas coisas que os professores colocam pra fazer mas na hora não é importante na prática. Eu acho que tem muitas coisas que são dadas na teoria e não são aproveitadas na prática. Deveríamos aprender mais coisas que vamos fazer realmente. Hoje, no último semestre, sinto falta de aprender mais sobre medicações.

Não consegui aprender com clareza sobre o que é ser enfermeiro? O que ele faz? Como gerenciar? Nas disciplinas da prática a gente fazia o que o professor mandava. Agora nas disciplinas do oitavo e novo a gente fica sozinha (Estágio curricular I e II). Tinho que aprender com o enfermeiro da unidade e me virar por conta própria. Uma vez por semana o professor visita para ver como você está.

Compartilhar saberes indígenas com os povos não indígenas

No início do curso, fui orientada por alguns professores para não falar com os pacientes sobre minhas práticas culturais porque não eram comprovadas cientificamente. Diante disso resolvi ficar calada. Não falava nada nas aulas sobre minha cultura.

Os professores também não falavam das práticas culturais indígenas. Um professor que citou o uso do “curare” e comparou com o que os índios colocam nas flechas. De resto, nem eu nem os professores fizemos menção sobre as diferentes práticas culturais indígenas durante a minha trajetória no curso.

Durante a pandemia do COVID meu pai (cacique) e meu avó (pajé) utilizaram de várias plantas medicinais (raízes, folhas), orações e bençãos como recursos para evitar a doença na aldeia. Comentei com meus colegas e professores da faculdade mas não

entrei em detalhes por achar que as pessoas não tem e não tiveram interesse. Nós temos alguns saberes que não podemos divulgar, mas outros sim.

Compartilhar saberes e práticas entre educandos e educadores é uma tarefa que exige envolvimento. Ela precisa ser construída pois: “[...] ninguém chega lá, partindo do lá, mas de um certo aqui. [...] não é possível ao educador(a) desconhecer, subestimar ou negar os saberes de experiências feitos com que os educandos chegam à escola” (FREIRE, 1997,p. 31).

As percepções sobre as professoras³ do curso

Minha percepção sobre os docentes é que acho muito inteligentes e responsáveis, cheio de saberes. Nunca houve experiências de falta de respeito à minha condição indígena. Algumas professoras me auxiliaram em relação à aprendizagem considerando a condição indígena. [...] mas, alguns achavam que eu tinha muitas dificuldades em aprender. Eu me questionava: será que vou concluir o curso?

Os colegas não indígenas

Foi uma experiência muito boa ter colegas de faculdades, eles me ajudaram nas tecnologias e durante as disciplinas elas puderam me auxiliar também.

³ Adotamos o termo no feminino por ser um curso constituído, predominantemente, por mulheres.



Figura 19 – Colegas do curso numa atividade de parto humanizado.
Foto produzida no dia do evento, em 2019.

Na época da monitoria houve alguns problemas em relação a comunicação com as outras estudantes monitoras que reclamam de que eu faltava não era disciplinada, as vezes eu me pegava dando importância para outros afazeres, como ir ao shopping, ir fazer caminhadas, participar de outros grupos de pesquisas junto alunos do PET-medicina, onde tinha todas as terças feiras na faculdade de medicina. É um grupo de pesquisa. Particpei de reuniões e faz, atividades em saúde, em umas chácaras próximos à Cuiabá, fizemos palestras para dependentes alcoólicos.

Eu ia na casa de uma colega, que morava no bairro Boa Esperança e preferia ficar na casa dela pois lá tinha o conforto no que na minha quitinete eu não tinha. Tinha comida, quarto com ar condicionado. Às vezes eu preferia ir ao shopping ao invés de estudar as matérias. Às vezes a gente tem, em cada lugar de bairro em Cuiabá, pessoas para mim conviver, para passar as tristezas de casa.

Me lembro também na época da pandemia da COVID, em 2020 e 2021, período que fiquei na aldeia. Pude ficar juntos com meus pais. Aprendi a valorizar minha família. Fiz uma horta juntos aos meu irmão. Conheci ervas, raízes poderosas, que curam, pude passar meus conhecimentos para as crianças da minha família, ensinei a lavagem das

mãos. Aprendi a valorizar cada momento vivido. Aprendi amar a Deus sobre todas as coisas. Não gastei meu dinheiro. Investi esse dinheiro. Não trazia as tarefas dadas.

Aprendizagem fora da escola

Aprendi com participação de cursos, eventos e palestras na universidade e em, outros locais em Cuiabá. É legal participar de eventos. A gente aprende muitas coisas. O ambiente é diferente da sala de aula. Tem outras pessoas, a gente não tem o compromisso de entregar coisas, não tem a pressão com as cobranças com as notas. Acho que é muita pressão psicológica.

Eu me lembro de um minicurso sobre medicações que eu aprendi, mas na prática, não aplico muito, porque a gente não mexe com a medicação. Quem faz é o técnico de enfermagem, mas tem medicamentos, como Sulfato de Magnésia para prevenção de Eclampsia, que na enfermaria do hospital, é a enfermeira que deve preparar e administrar e isso exige de mim, o estudo da fisiologia e da farmacologia.

O programa PET-IND⁴

Tive a oportunidade de entrar no Programa de Extensão Tutorial Indígena (PETIND) voltado para a inclusão de indígenas estudantes de graduação na universidade. Conheci alunos indígenas de outros cursos: geologia, computação, ciência em tecnologia em alimentos. Esses alunos desenvolveram pesquisas de extensão em suas comunidades.

Eu fiz um estudo sobre COVID e tive a oportunidade de resgatar vários conhecimentos com os anciões da minha aldeia, com meu país e tias. Apliquei o estudo em minha aldeia falando sobre a importância da lavagem das mãos, distanciamento social, usar álcool em gel e a máscara. Fiz também estudo sobre às plantas medicinais e apresentei ao grupo do PET-Indígena e, também em minha aldeia.

⁴ PET – Programa de Educação Tutorial é desenvolvido por grupos de estudantes, com tutoria de um docente, organizados a partir de formações em nível de graduação nas instituições de Ensino Superior do País orientados pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa, extensão e da educação tutorial.

O projeto PET – Indígena oferece uma bolsa no valor R\$ 400,00 para desenvolver os estudos e também. Outra bolsa que obtive foi da PROIND que me ajudou nos gastos para viver na cidade, a comprar alimentos, e outras coisas. Meus pais também me ajudaram financeiramente.

Ser enfermeira e indígena no contexto da saúde

Eu não conhecia nada sobre o que era enfermagem. Apenas sabia que era pra cuidar de pessoas. Tinha imaginação de que ia mexer com sangue, lidar com pessoas que sofreram fratura entre outros. Eu sei que enfermagem é cuidar de pessoas que precisam de cuidados.

Gostei muito da área sobre saúde mental. A gente aprendeu que a pessoa adoece não somente o corpo mas a mente também. Eu não acreditava que as pessoas tinham doença da mente.

Aprendi sobre alcoolismo e drogas quando eu participei de uma atividade num grupo de pesquisa e pude visitar um local que assiste estas pessoas.

Achei interessante conhecer sobre adolescente; o amadurecimento para a vida adulta. Os cuidados para não ter doenças sexualmente transmissíveis, não ter gravidez sem planejar, e outros temas.

Gostei da disciplina sobre a saúde da criança porque a gente viu como que a criança é susceptível a ter doenças. Eles são muito frágeis [...] A importância das vacinas. Observar a icterícia [...]

Na saúde do adulto vi que muitas doenças prejudicam ser tratadas pois vão prejudicar na vida idosa. As experiências com pacientes cirúrgicos foi muito importantes conhecer, A cirurgia de mioma por exemplo [...] tem que tomar muito cuidado [...] o risco de infecção das pessoas cirúrgicas [...].

Aprendi sobre os diagnósticos de enfermagem que é aquilo que a gente vê, ouve, percebe nas reações com o paciente; a partir das necessidades dele. O livro da NANDA⁵ contribui para a gente escrever certinho o diagnóstico. Foi difícil aprender isso, e ainda sinto que preciso estudar mais.



Figura 20 – Eu, vivenciando a consulta de enfermagem num PSF, Cuiabá, MT. Foto do meu acervo pessoal. Estágio Curricular I, no Posto de Saúde da Família (PSF) como parte das atividades para graduação em enfermagem no oitavo semestre do curso. 2022.

Ao chegar no Estágio Curricular I, no oitavo semestre, gostei de poder passar meus conhecimentos da cultura não indígena (o que aprendi na faculdade), sobre o que as mulheres devem cuidar em relação a Diabetes, hábitos de vida, exercícios, durante o atendimento aos usuários que eu atendi no Posto de Saúde da Família. Me chamou mais atenção foi atender gestantes com suas necessidades, passar o que já aprendi, poder ajudar.

⁵ NANDA – é um acrônimo para *North American Nursing Diagnosis Association* (Associação Norte-Americana de Diagnósticos de enfermagem). É uma taxonomia norteadora por uma estrutura teórica chamada padrões de resposta do corpo humano.

Agora estou finalizando a disciplina Estagio Curricular II, nono semestre, atuando no hospital. Aprendi mais sobre o gerenciamento mesmo. Como o enfermeiro faz. Além dele correr atrás de várias questões. Ele faz tudo. Faz os cuidados, lança no computador. Faz a SAE⁶ e escreve no sistema do prontuário eletrônico do paciente.

Sei que ainda tenho um DESAFIO de montar o processo com os meus comprovantes de atividades Complementares para me graduar.

Eu penso que ser enfermeira é bom porque eu aprendi os saberes dos não indígenas, mas também tenho os saberes dos indígenas. Sei que preciso estudar mais e buscar com meu avô, o pajé da aldeia, conhecimentos da minha aldeia.

Compreender que o ensinar e aprender é dinâmico e exige um deslocar-se de um ponto a outro. Ter consciência de que os saberes são feitos para superar e levar a um outro lugar. “Partir significa pôr-se a caminho, ir-se, deslocar-se de um ponto a outro e não ficar, permanecer” (FREIRE, 1997, p.37).

Nesta caminhada, a inserção de indígenas nos espaços acadêmicos representou para as universidades a necessidade de repensar e superar desafios do ensinar e dialogar com os povos indígenas no sentido de conhecer suas demandas, especificidades para além da interculturalidade no contexto social, cultural e político.

As Diretrizes Curricular Nacional para o curso de graduação em enfermagem, preconiza a valorização do Sistema Único de Saúde, contudo, muitos currículos escolares não incluem as especificidades do Subsistema de Atenção à saúde Indígena (SASI) com seus saberes, organização, prejudicando a formação de enfermeiros não indígenas e indígenas que adentram nas universidades. Nesse sentido, estudo realizado com enfermeiras indígenas do curso de graduação em enfermagem foi constatado certa harmonia em relação aos saberes e práticas de cuidados tradicionais e indígenas, contudo, revelaram que: “[...] não tiveram nenhuma disciplina durante a graduação de Enfermagem que apresentasse o contexto indígena e suas particularidades no processo saúde-doença, bem como que permitisse a vivência direta junto a estes povos” (NASCIMENTO; HATTORI; TERÇAS-TRETTEL, 2019, p. 53).

⁶ SAE – Sistematização da Assistência de Enfermagem que é o processo de enfermagem com suas etapas: investigação, diagnóstico de enfermagem, planejamento, implementação e avaliação segundo a Resolução COFEN nº 358/2009.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos foram os desafios para a aprendizagem enquanto pessoa, aluna e me tornar enfermeira indígena. Hoje, estou concluindo o curso com a certeza de que tive oportunidades para aprender e aperfeiçoar meus conhecimentos sobre saúde da população não indígena e, preciso estudar mais sobre os saberes e práticas da minha aldeia. Minha família foi a principal incentivadora, assim como meus amigos, colegas da classe, alguns professores(as) da universidade e do curso de graduação em enfermagem.

Na aldeia, o aprendizado foi estimulado pelos meus pais e, ao entrar na escola do Destacamento do Exército fui introduzida no modelo de ensino do povo não indígena. Apesar da distância da aldeia até o quartel; somada à necessidade de longas caminhadas eram motivos para diminuir minha força para estudo, mas eu também arrumava energia para brincar. Havia conforto nas acomodações e a escola adotava uma rotina disciplinar com acompanhamento dos professores da época. Infelizmente, no Destacamento Militar não havia incentivo para a preservação da língua materna e nossos hábitos e costumes eram colocados em segundo plano nos espaços comunitários.

Com a mudança da escola para o espaço pela comunidade indígena, continuamos, eu e minha aldeia, firmes com os propósitos de aprender. Contudo, a precariedade na estrutura física do galpão improvisado foi grande o desafio para aprender, principalmente nos dias de chuva, frio e calor. Com a nova escola construída de alvenaria, hoje, os indígenas chiquitano podem desenvolver seu modo de ser, pensar e aprender em um local mais adequado e com professores indígenas.

A mudança para a cidade grande, a princípio pareceu assustadora, mas com o auxílio dos meus pais e parentes indígenas que me acolheram em suas casas e outras pessoas não indígenas, pude superar os desafios. A princípio, pode parecer simples para o não indígena, mas foram estimulante aprender a como andar de ônibus, atravessar as ruas e avenidas, a fazer compras e outros hábitos e costumes da vida urbana.

No curso de graduação os incitamentos foram sendo apresentados a cada ano que eu fazia, exigindo de mim muito empenho em administrar o tempo para estudar. Diante de reprovações em disciplinas do ciclo fundamental e profissional, somado ao fato de querer me graduar, exigiu de mim a necessidade de repensar a minha prática de estudar e aplicar meus conhecimentos. Nesta trajetória pude contar com pessoas maravilhosas que me ajudaram a continuar. Mas, também, tive que enfrentar o preconceito por ser indígena. O medo de fazer

pergunta em sala de aula me fez calar e com isso, perdi a oportunidade de superar dúvidas bem como, compartilhar minhas experiências como indígena chiquitano.

A discriminação sutil e velada por parte de alguns professores durante o curso foi sentida por mim. Alguns achavam que eu não tinha a capacidade de aprender como eles. Questionava minha escrita, meu modo de falar. Poucas vezes pude me colocar no grupo como estudante indígena com minhas práticas, hábitos e cultura. Contudo, eu também não forcei nem apresentei os caminhos que meu povo utiliza em relação às práticas de saúde. Tal situação poderia contribuir com os saberes na saúde envolvendo as práticas indígenas que poderiam ser utilizadas no cuidado de enfermagem. Hoje vejo nos portais de banco de dados científicos, que há uma considerável produção científica sobre uso de plantas medicinais, rituais de pajelança com indígenas internado em hospital e outras, mas na rotina das aulas, eu não citei e as professoras não citaram também.

Há considerável produção de manuais, legislação e artigos disponíveis na internet com foco voltado para a saúde indígena. Contudo, no curso de graduação percebi que são poucos professores conhecem e o utilizam. É um desafio tornar visível saberes e práticas dos povos indígenas, assim como dos quilombolas, dos ribeirinhos e outros que de uma forma ou outra estão inseridos no contexto da saúde e da enfermagem.

Quando iniciei este estudo não fazia ideia sobre a dimensão das minhas narrativas, os depoimentos dos meus pais e a importância de tornar visível minhas dificuldades de aprendizagem. Enfrentar os desafios do preconceito, da discriminação vividas em diferentes contextos e situações. Finalizo agradecendo a todos que contribuíram com este estudo e que o mesmo possa contribuir com a academia no sentido de reflexão sobre o projeto pedagógico do curso; incentivar a produção de pesquisas relacionadas aos estudantes indígenas que a faculdade formou e outros que poderão vir a fazer parte, fortalecendo assim, os direitos a todos os brasileiros indígenas, quilombolas, ribeirinhos e outros em sua trajetória de formação.

7. REFERÊNCIAS

ABRAHAO, M. H. M. B. Memórias, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, v.7. n. 14, 2003.

ASSEMBLEIA do Mato Grosso aprova em 1º turno projeto que incentiva invasão de Terras Indígenas. Publicada pelo: <https://deolhonosruralistas.com.br/2020/06/17> Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/206953> Acessado em: 20 out. de 2022.

BARRETT, S. R. **Antropologia: guia do estudante à teoria e ao método antropológico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BATISTA, D. N.; SILVA, L. W. A.; SIMAS, H. C. P. O outro lado do índio: representações sociais na mídia. **RELEM**. Revista Eletrônica Mutações. Julho-dezembro, 2015.

BORTOLETO SILVA, R. **Os Chiquitano de Mato Grosso: estudo das classificações sociais em um grupo indígena da fronteira Brasil-Bolívia**. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BOTTELHO, M. T. S. L.; SECCHI, D.; A inclusão de estudantes indígenas no curso de enfermagem da UFMT – SINOP: alcances e desafios. **Revista Eletrônica de Educação**. v.9, n.1, 2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/cons>. Acesso em: 10 maio 2022.a

BRASIL. Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasil. Diário Oficial da União. 23 de 12 de 1996.b

BROSTOLIN, M. R.; CRUZ, S. F. Estilos de aprendizagem e de ensino na escola indígena. Terna. Constr. Psicopedag. v.17, n.14, São Paulo, jun. 2009.

CAETANO, E.; SILVA, M. A. O povo chiquitano: cultura, experiências de luta e resistência no estado de Mato Grosso. **REU**, Sorocaba, São Paulo, v.4, n.2, p.231-246, 2015.

CASSANDRA, M. P.; AMARAL, W. R.; SILVA, A. Eu, Alex, da etnia Guarani: o testemunho de um estudante indígena de administração e seu duplo pertencimento. **Cad. EBRAPÉ.BR**, Rio de Janeiro, v.14, n.4, 2016.

DESLAND, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** Petrópolis; RJ: Vozes, 1994.

DUARTE, N.; Minha vida como estudante no mundo dos brancos. **Rev. antropol.** São Paulo n.60, n.1, p.35-46, USP, 2017.

DUCK-CINTRA, E. M. **Do silêncio à vitalidade sociocultural dos chiquitano do portal do encantado, Mato Grosso, Brasil**. 2016. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. RJ: Paz e Terra, 1997.

FUNAI. Fundação Nacional do Índio. **Quem são**. Atualizado em 18/11/2020. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/quem-sao> Acesso em: 10 maio 2022.a

FUNAI. **TI Portal do Encantado é de declarada de posse permanente dos indígenas**. Publicado em 31/12/2010, atualizado em 31/10/22. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2010/ti-portal-do-encantado-e-declarada-de-posse-permanente-dos-indigenas> Acessado em: 27 out. de 2022.b

GALVÃO, A.; CÂMARA, J.; JORDÃO, M. Estratégias de aprendizagem: reflexões sobre universitários. **R. bras. Est. Pedag.**, Brasília, v. 93, n. 235, set./dez/, 2012.

GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas**. RJ: ZAHAR Editores, 1978.

GONÇALVES, S. A. **Educação escolar na comunidade indígena Guajajara: a questão do ensino aprendizagem na escola indígena Firmino**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Faculdade de Educação, 2013.

GRANDO, B. S. QUEIROZ, L. A. A educação do corpo em Vila Nova-Barbecho: o Curussé chiquitano na educação da criança. **R. Educ. Públ.** Cuiabá, v.22, n.49, maio/ago. 2013.

GRUPIONE, L. D. B. **Do nacional ao local, do federal ao estadual: as leis e a Educação Escolar Indígena**. Painele 5. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br> Acessado em: 25 out. de 2022.

Histórico do Batalhão. Disponível em: <https://www.66bimtz.eb.mil.br/index.php?option=com> Acessado em: 30 set. de 2022.

LIÇÕES da Pastoral da Criança. Entrevista com Zilda Arns Neuman. **Estudos Avançados**. v.17, n.48, 2003.

LARAIA, R. B. **Cultura**. Um conceito antropológico. 10ª ed. RJ: Jorge Zahar, 1994.

LUCIANO, R.R.F.; SIMAS, H.C.P.; GARCIA, F.M. Políticas públicas para indígenas: da educação básica ao ensino superior. **Interfaces da Educ.** Paranaíba, v.11, n. 32, 2020.

MANICA, D. Autobiografia, trajetória e etnografia: notas para uma Antropologia da Ciência. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 105, fevereiro de 2010.

MEDAETS, C.. A aprendizagem vista pela antropologia: reflexões a partir de uma etnografia na região do Baixo Tapajós. **Horiz. Antropol.** Porto Alegre, ano 27, n.60, p. 191-222, 2021.

MEDINA FILHO, A. L. A importância das imagens na metodologia da pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, v.15, n.2, 2013.

MORGADO, A. C. As múltiplas concepções da cultura. **Múltiplos Olhares em Ciências da Informação**. v.4, n. 1, 2014.

MOURA, D. R.; BARBOSA, E.; BOTTOSSO, R. M. **Atuação das enfermeiras junto às comunidades indígenas**. 2007. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Mato Grosso. Faculdade de Enfermagem.

NASCIMENTO, V. F.; HATTORI, T. Y.; TERÇAS-TRETTEL, A.C.P. Desafios na formação de enfermeiros indígenas em Mato Grosso, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n.1, 2019.

PACCINI, A. **Identidade étnica e território Chiquitano na fronteira (Brasil-Bolívia)**. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS, Porto Alegre.

PASSEGGI, M.; NACIMENTO, G.; OLIVEIRA, R. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em educação. **Revista Lusófona de Educação**. n. 33, 2016.

PEREIRA, L. M. L. Algumas reflexões sobre história de vida, biografias e autobiografias. **II Encontro Regional Sudeste de História Oral**, Mariana, 12 a 14 de maio de 1999.

RIOS, S. O.; COSTA, J. M. A.; MENDES, V. L. P. S. A fotografia como técnica e objeto de estudo na pesquisa qualitativa. **Discurso fotográficos**. Londrina. v.12, n.20, p.98-120, 2016.

PROIND. **Programa de Inclusão Indígena (PROIND) “Guerreiros da Caneta”**. Disponível em: <https://www.ufmt.br/pro-reitoria/prae/p/proind/147> Acesso: 3 abril de 2022.

SANTANA, A. C. Línguas cruzadas, história que se mesclam: ações e documentação, valorização e fortalecimento da língua Chiquitano no Brasil. 2021. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia.

SANTANA, T. M. A relação da arquitetura escolar com a aprendizagem. **IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. 2010.

SILVA, C. L.; SERRA, M. T. M. Ações afirmativas, ensino superior e povos indígenas na UFMT: o Programa de Inclusão Indígena/ PROIND como um campo de reflexão e práticas de Iniciação Científica/ CNPq. In. **PROIND: campo de reflexão e pratica na temática indígena**. Carmen Lucia da Silva.[et al.] org. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

SILVA, J. A. F. Identidades e conflitos na fronteira: poderes locais e os Chiquitano. **Memória Americana**. v. 16, n.2, 2008.

SILVA, R. B. **Os Chiquitano de Mato Grosso: estudo das classificações sociais em grupo indígena da fronteira Brasil-Bolívia**. 2007. Tese [doutorado] apresentada à Faculdade de Filosofia, letas e Ciências Humanas (FFLCH)-USP, Dep. Antropologia. São Paulo, SP.

UFMT. Universidade Federal de Mato Grosso. **Resolução CONSEPE nº 103 de 12 de setembro de 2007**. Cria o Programa de Inclusão de Estudantes Indígenas “Guerreiros da Caneta” no âmbito da UFMT. 2007.

ZOIA, A. A questão da educação indígena na legislação brasileira e a escola indígena. In.: **O eu e o outro na escola: contribuições para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola**. Belêni Salete Grando e Luiz Augusto Passos. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

8. GLOSSÁRIO

Termo	Descrição
Aprender	Alcançar ou conseguir conhecimento, cognição, educação ou especialidade através da experiência e do estudo; formar-se; (Léxico, dicionário de português online).
Aprendizagem de crianças indígenas	Estudos sobre o aprender das crianças Kaingang “[...] e outros povos indígenas revelam as formas de educação baseadas na sua tradição, articulando e dando significado às suas percepções culturais junto às crianças de suas comunidades.” (FERREIRA, B. As crianças Kaingang: educação escolar e os processos próprios de aprendizagem. Revista Antropologia da UFSCAR., v.11, n. 1, 2019)
Cultura	Roque Laraya (1932-...) antropólogo brasileiro, afirma o conceito de cultura é ambíguo e que: [...] a discussão não terminou – continua ainda – e provavelmente nunca terminará, pois uma compreensão exata do conceito de cultura significa compreensão da própria natureza humana, tema perene e incansável reflexão humana.” (LARAYA, 1994, p.65). Roger Martin Keesing (1935-1993) linguista e antropólogo americano questiona o formalismo de Geertz defende que: “Cada um de nós sabe o que fazer em determinadas situações, mas nem todos sabem prever o que faria nessas situações. Estudar a cultura é portanto, estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura. (LARAYA, 1994, p. 64) “Como sistema entrelaçado de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações províncias), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, alto dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligíveis – isto e, descritos com densidade.” (GEERTZ, 1978, p. 24) “A cultura é publica porque o significado o é.” (GEERTZ, 1978, p.22)
Cultura indígena	A cultura indígena abarca a produção material e imaterial de inúmeros e distintos povos em todo o Brasil. É importante destacar que não há uma cultura indígena , mas várias e cada povo desenvolveu suas próprias tradições religiosas, musicais, de festas, artesanatos, dentre outras.
Educação	Educação é uma prática social que visa ao desenvolvimento do ser humano, de suas potencialidades, habilidades e competências. A educação , portanto, não se restringe à escola. A educação é um direito de todos e visa ao pleno desenvolvimento humano por meio do processo de ensino-aprendizagem.
Educação intercultural	A educação intercultural , no contexto das lutas sociais contra os processos crescentes de exclusão social inerentes à globalização econômica, propõe o

	desenvolvimento de estratégias que promovam a construção de identidades particulares e o reconhecimento das diferenças, ao mesmo tempo em que sustentem a inter-relação ...
Ensino Fundamental	É o nível de educação básica no Brasil que atende criança a partir de 6 anos de idade. A duração é de 9 anos
Ensino Médio	É o último dos três níveis da educação básica que dura três anos. Objetivo é aprofundar os conhecimentos do ensino fundamental. Também conhecido como segundo grau
Ensino de graduação	<p>A palavra “graduação” está relacionado ao ensino superior e pode ser entendido como “título universitário recebido por um indivíduo”. A graduação é o nível de ensino após o ensino médio quando o aluno conclui a educação básica.</p> <p>A graduação é o nível de ensino após o ensino médio quando o aluno conclui a educação básica.</p> <p>Disponível em: https://www.guiadacarreira.com.br > o-que-e-graduação</p>
Índio	Quem se considera pertencente a uma comunidade indígena e é por ela reconhecido como membro. (BRASIL, 2000)
Povos Indígenas	Povos com organizações e identidades próprias, em virtude da consciência de sua continuidade histórica como sociedades pré –colombianas. (BRASIL, 2000)

9. APÊNDICES

APÊNDICE 1) ROTEIRO PARA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

1. PARTE I – Memórias e experiências sobre a formação da aldeia.

- Quem sou eu, qual a minha etnia e onde eu nasci.
- Como é a minha família
- Meus ritual e/ou prática específica da cultura da minha aldeia que eu preservo
- Como e quem me auxiliou no aprendizado da leitura, escrita e sobre os costumes da minha aldeia
- Qual o papel da escola em minha vida?
- A minha inserção nas escolas do ensino fundamental e médio. O que eu me lembro das aulas, dos colegas da classe e que assunto ou fato me marcou.
- Eu fiquei sabendo o vestibular da PROIND através da...
- O que me motivou a estudar na universidade foi ...
- Qual o curso que eu escolhi? O que eu conhecia sobre ele?
- Por que eu escolhi o curso de enfermagem?
- O que eu sabia sobre a profissão de enfermagem?

2. PARTE II- Experiências de transição da vida na aldeia com a vinda para Cuiabá.

- Como foi a mudança da minha aldeia para a cidade de Cuiabá?
- Onde foi a minha primeira moradia em Cuiabá? Com quem morei? Houve outras? Quais favoreceram os meus estudos?
- Quais os sentimentos após o afastamento da minha aldeia?
- Quais as impressões que eu tive da cidade?
- Quais as minhas dificuldades para viver em Cuiabá?
- Com quem eu pude contar? Quem me auxiliou? Onde fui morar? Que sentimentos tive?
- Quais os desafios que encontrei em relação a moradia, alimentação, transporte, vestimenta, etc.

3. PARTE III – Memórias e experiências sobre a vida acadêmica

- Quais as impressões em relação ao primeiro dia de aula na faculdade?
- Como se deu o acolhimento?
- Comentar sobre a alimentação e o Restaurante Universitário da UFMT
- A disciplina de Educação física na UFMT. Qual modalidade? Sentimentos.
- O que eu conhecia sobre o curso de enfermagem?
- Hoje, o que eu sei sobre o curso de enfermagem?
- Quais as disciplinas optativas que eu fiz além das curriculares? Por que?
- Quais as experiências nas aulas teóricas que marcaram a minha vida acadêmica?
- Quais as experiências nas aulas práticas que marcaram a minha vida acadêmica?
- O que eu trouxe/compartilhei sobre a minha aldeia com os meus colegas e professores do curso?
- Quais as memórias e percepções sobre os docentes?
- Quais as memórias e percepções sobre os colegas?
- Comentar sobre o programa de monitoria de inclusão da PRAE?
- Quais as contribuições para aprender?
- Quais que facilitou e/ou dificultou a minha aprendizagem no curso?
- Participei de eventos técnico-científicos durante o curso? Onde foi, qual o tema, o que eu aprendi?
- Participei de programa estudantil voltado para indígenas na universidade?
- Como eu me defino como estudante de enfermagem?
- Minha opinião sobre as bibliotecas da UFMT e do HUJM

- Minha opinião sobre os locais utilizados como campo das práticas assistenciais em enfermagem.
- Qual o papel da Faculdade de Enfermagem para o meu aprendizado como estudante?

APÊNDICE – 2) ENTREVISTA COM O PAI OU A MÃE DA ESTUDANTE INDÍGENA

- Quantos filhos vocês tem?
- Fale sobre a infância e juventude da sua filha que veio para Cuiabá, fazer enfermagem.
- Como se deu a aprendizagem (leitura, escrita) e dos costumes sobre a cultura Chiquitano?
- Como era as escolas para os indígenas da aldeia?

APÊNDICE – 3) ROTEIRO PARA CATALOGAÇÃO DAS IMAGENS

- Número da imagem fotográfica
- Identificação do local e data
- Descrição dos componentes da imagem

APÊNDICE – 4) TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do Projeto de Pesquisa

TRAJETÓRIA DE VIDA COMO ESTUDANTE INDÍGENA CHIQUITANO: da aldeia ao curso de graduação em enfermagem

Pesquisadora Responsável - Profa. Dra. Rosa Maria Bottosso

Cenários para a contextualização

- Aldeia Fazendinha “Macharaka”, município de Porto Espiridião-MT
- Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso campi Cuiabá-MT

CONVITE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa acima especificada. O convite está sendo feito a você porque faz parte da trajetória da estudante desde a vida na aldeia até a fase de inserção e desenvolvimento no curso de graduação em enfermagem na Faculdade de Enfermagem da UFMT, campi Cuiabá-MT. Sua contribuição é importante, porém, você não deve participar contra a sua vontade.

Antes de decidir se você quer participar, é importante que entenda porque esta pesquisa está sendo realizada; todos os procedimentos envolvidos; os possíveis benefícios, riscos e desconfortos, descritos e explicados conforme texto abaixo. A qualquer momento do desenvolvimento da pesquisa, você poderá solicitar esclarecimentos, recusar-se ou desistir de participar **sem causar prejuízos à sua pessoa.**

Este projeto será enviado para análise e aprovação por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), órgão responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos e bioéticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Visa garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes da pesquisa. Todas informações coletadas estudo serão confidenciais e seu nome jamais será divulgado. Somente o pesquisador e/ou equipe de pesquisa terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo. Os dados coletados serão utilizados apenas para esta pesquisa.

Em casos de necessitar de mais esclarecimentos, a pesquisadora responsável Profa. Dra. Rosa Maria Bottosso estará à disposição no celular (65) 99223-9352, moradora na Rua Baltazar Navarros, nº 305, Edifício Green Hill, apto. 2001, Bandeirantes, Cuiabá-MT, e-mail: rosa.bottosso@ufmt.br.

Você poderá, também, consultar sobre o projeto, seus direitos ou se estiver insatisfeito com a maneira como a pesquisa está sendo conduzida por meio do contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Faculdade de Medicina. Bloco CCBS I, 1º andar. Av. Fernando Corrêa da Costa, 2367. Boa Esperança. 78060-900. Cuiabá-MT. Horário de funcionamento: das 13h30min às 17h30min. Telefone: (65) 3615-8254. E-mail: cepsaude.propeq@ufmt.br.

Para maiores informações sobre os direitos dos participantes de pesquisa, leia a “Cartilha dos Direitos dos Participantes de Pesquisa” elaborada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, disponível no site: http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/img/boletins/Cartilha_Direitos_Participantes_de_Pesquisa_2020.pdf

INFORMAÇÕES SOBRE O PROJETO DA PESQUISA

Justificativa e relevância para realização da pesquisa

- Contribuir com o processo de divulgação sobre as experiências no campo da formação escolar e universitária vividas por uma estudante da etnia Chiquitano desde a aldeia até o período de sua formação no curso de graduação em enfermagem.
- Fornecer elementos para reflexão sobre o acompanhamento do ensino e aprendizagem do(a) estudante indígena do Programa de Inclusão Indígena (PROIND) na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Objetivos

Geral: descrever os desafios de aprendizagem encontrados pela estudante indígena da etnia Chiquitano desde a sua formação básica na aldeia Fazendinha/Macharaka até a fase de graduação em enfermagem.

Específicos:

- Delinear as narrativas autobiográficas da estudante indígena sobre experiências relacionadas à formação básica (ensino fundamental e médio), o exame vestibular especial indígena até o período em que a estudante indígena se encontra na formação universitária para a graduação em enfermagem na UFMT.
- Analisar os desafios para a aprendizagem considerando a transição da cultura da vida na aldeia Fazendinha/Macharaka, da etnia Chiquitano, para a vida acadêmica na cidade de Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

População/sujeito da pesquisa

Os sujeitos do estudo serão constituídos por dois membros da Aldeia Fazendinha “Macharaka” da etnia Chiquitano: a estudante indígena do curso de graduação em enfermagem na UFMT, um dos pais da estudante.

Procedimentos metodológicos aos quais será submetido(a)

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, com abordagem antropológica alicerçada na visão de Clifford Geertz sobre cultura. Os dados serão produzidos a partir de:

- Narrativa autobiográfica onde a estudante indígena irá gravar suas experiências e memórias sobre sua formação básica na vida na aldeia e no curso de graduação na cidade de Cuiabá, documentadas com auxílio de um gravador.
- Entrevista semiestruturada com o pai da estudante indígena, com auxílio de um gravador.
- Documentação de imagens por meio de fotografias produzidas com auxílio de celular sobre fotos relacionados ao período escolar na aldeia, espaços, artefatos e/ou momentos relevantes vividos pela estudante indígena durante sua formação básica e universitária.

Análise interpretativa será empregada no tratamento dos dados.

Os princípios da ética na pesquisa, com base na Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 304/2002 que trata da pesquisa com povos indígenas, serão seguidor por meio de:

- Carta de anuência dos líderes da aldeia Fazendinha “Macharaka”: cacique e pajé
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).
- Termo de compromisso da pesquisadora.
- Carta de anuência da Diretora da Faculdade de Enfermagem FAEN/UFMT.

Resultados esperados com a pesquisa:

- Contribuir com elementos sócio, educativo, cultural e político a partir da autobiografia da estudante da etnia Chiquitano desde sua trajetória da formação escolar na aldeia para a graduação no curso de enfermagem da UFMT;
- Possibilitar a identificação de questões estratégicas no campo das metodologias de ensino e aprendizagem para a capacitação de docentes universitário;
- Colaborar com a produção de novos conhecimentos sobre os desafios enfrentados por estudantes indígenas na busca de profissionalização de nível superior.

Riscos em participar da pesquisa: não apresenta riscos, prejuízos e/ou desconforto aos participantes.

Benefícios em participar da pesquisa: os benefícios esperados são decorrentes dos resultados que esperamos alcançar, trazendo à sociedade os desafios na aprendizagem dos estudantes indígenas na universidade, a partir das experiências de uma estudante do curso de enfermagem.

Privacidade e confidencialidade: a pesquisadora se compromete a manter o anonimato dos sujeitos participantes. Os mesmos serão tratados com respeito e garantido a privacidade e confidencialidade dos dados. Os resultados do estudo serão apresentados às lideranças da aldeia antes de serem enviados para divulgação ou publicação em revistas técnica-científica.

Acesso a resultados parciais ou finais da pesquisa: os participantes poderão ter acesso aos dados coletados e resultados do estudo, bem como, após finalização da mesma, uma cópia será enviado aos mesmos.

Custos envolvidos pela participação da pesquisa: não envolve custos ao participante, tampouco compensações financeiras.

Sendo assim, após ser apresentado e esclarecido sobre as informações deste **projeto de pesquisa e, aceitando** fazer parte como voluntário(a), **este termo deverá ser assinado e ter rubricado por você e a pesquisadora responsável em todas as páginas, em duas vias**. Uma delas ficará com você e a outra enviada para o CEP.

CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu, _____, pai da estudante Gleiciane Aparecida Cesário RUPE, declaro que concordo em participar como voluntário e, esclareço que fui devidamente informado e esclarecido sobre os objetivos e metodológica por meio da leitura e diálogo com a pesquisadora responsável. Foram destacados que os procedimentos nela envolvidos não apresentam riscos e não haverá benefícios financeiros decorrente da minha participação. Permito o uso do gravador para a documentação da entrevista. Está assegurado os princípios da ética, respeito aos costumes culturais e tradições da minha aldeia e o meu anonimato. Estou ciente e foi-me garantido que eu posso retirar meu consentimento a qualquer momento do desenvolvimento da pesquisa, sem que isso me cause prejuízos, penalidades ou responsabilidades. Assim, autorizo a divulgação dos resultados obtidos. Informo que recebi uma via deste documento (TCLE) com todas as páginas rubricadas e assinadas por mim e pela pesquisadora responsável.

Aldeia Macharaka, de 2022.

DECLARAÇÃO DA PESQUISADORA

Eu, ROSA MARIA BOTTOSSO declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o TERMO DE CONSENTIMENTOS LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) do participante CIRILO GABRIEL RUPE e declaro ainda que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Profa. Dra. Rosa Maria Bottosso
Pesquisadora responsável
Cuiabá, 08 de agosto de 2022

Consentimento do participante

Eu, abaixo assinado, declaro que concordo em participar desse estudo como voluntário(a) de pesquisa. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre o objetivo desta pesquisa, que li ou foram lidos para mim, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação e esclareci todas as minhas dúvidas. Foi-me garantido que eu posso me recusar a participar e retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me cause qualquer prejuízo, penalidade ou responsabilidade. Autorizo a divulgação dos dados obtidos neste estudo mantendo em sigilo a minha identidade. Informo que recebi uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e assinadas por mim e pelo Pesquisador Responsável.

Nome do(a) participante: _____

Assinatura: _____

local e data: _____

APÊNDICE – 5) TERMO DE COMPROMISSO DA ESTUDANTE PESQUISADORA

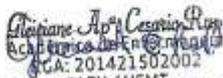
Eu, GLEICIANE APARECIDA CESÁRIO RUP, pertencente à etnia Chiquitano, nascida na aldeia Fazendinha “Macharaka” localizada no município de Porto Espiridião, Mato Grosso, estando cursando o sétimo semestre do curso de graduação em enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá-Mato Grosso, comprometo-me a cumprir as resoluções 304/20 e 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Somente iniciarei a coleta/produção dos dados após a aprovação final com a emissão do parecer aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa intitulada - TRAJETÓRIA DE VIDA COMO ESTUDANTE INDÍGENA CHIQUITANO: da aldeia ao curso de graduação em enfermagem.

Comprometo-me a cumprir os preceitos da ética em pesquisa segundo a Resolução 304/20 e da Resolução 466/2012, respeitando e garantindo o anonimato dos sujeitos; a manter em anonimato os nomes dos professores, alunos e técnico administrativos que compõem da Faculdade de Enfermagem que contribuirão para a minha formação.

Comprometo-me a encaminhar os relatórios parcial (com periodicidade semestral, a cada 6 meses) e relatório final (em até 60 dias da finalização do projeto de pesquisa, com a apresentação dos resultados), conforme cronograma referido no Projeto de Pesquisa.

Informo que disponho da estrutura necessária (física, financeira e material) para a realização deste projeto e que garantirei que os benefícios resultantes do projeto retornem aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa, conforme preconiza a Norma Operacional CNS 001/2013.

Comprometo-me a divulgar os resultados em meios técnico científicos, somente após apresentá-los às lideranças da aldeia Fazendinha “Macharaka”, em respeito aos direitos, território, costumes e tradições, cultura e recursos naturais comunidade.


 GLEICIANE APARECIDA CESÁRIO RUP
 Estudante indígena da etnia Chiquitana

Cuiabá, 10 de junho de 2022.

APÊNDICE – 6)

CARTA DE ANUÊNCIA DAS LIDERANÇA DA ALDEIA	
<p>Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos que GLEICIANE APARECIDA CESÁRIO RUP, membro desta aldeia Fazendinha “Macharaka” da etnia Chiquitano, estudantes de enfermagem na Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá-Mato Grosso, matriculada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, possa desenvolver o seu projeto de pesquisa TRAJETÓRIA DE VIDA COMO ESTUDANTE INDÍGENA CHIQUITANO: da aldeia ao curso de graduação em enfermagem, que está sob a coordenação/orientação da Profa. Profa. Dra. Rosa Maria Bottosso.</p> <p>Esta autorização está condicionada ao cumprimento da pesquisadora aos requisitos da Resolução CNS nº 304/2000 e Resolução CNS nº 412/2012 com suas complementares, comprometendo-se a mesma a utilizar os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, garantindo a não utilização de informações que possam causar prejuízo das pessoas da aldeia; a manter o sigilo e respeito aos costumes culturais que não podem ser divulgadas ao povo não indígena e, a apresentar os resultados finais da pesquisa antes de ser encaminhando para fins de publicação.</p>	
Cuiabá, <u>06</u> de <u>07</u> de 2022	
Assinatura do Cacique da Fazendinha Macharaka	
(nome) <input style="width: 150px; height: 20px;" type="text"/>	ata <u>09-07-2022</u>
Assinatura do Pajé da Fazendinha Macharaka	
(nome) <input style="width: 150px; height: 20px;" type="text"/>	<u>09-07-2022</u>

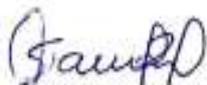
APÊNDICE – 8) CARTA DE ANUÊNCIA DA DIRETORA DA FAEN/UFMT

Eu, PROFA. DRA. SAMIRA RESCHETTI MARCON, Diretora da Faculdade de Enfermagem, Gestão 2020/2024 da UFMT, declaro para os devidos fins, que aceitaremos que GLEICIANE APARECIDA CESÁRIO RUP, indígena da etnia Chiquitano, membro da aldeia Fazendinha "Macharaka" da etnia Chiquitano, estudante de enfermagem na Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá-Mato Grosso, matriculada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, possa desenvolver o seu projeto de pesquisa **TRAJETÓRIA DE VIDA COMO ESTUDANTE INDÍGENA CHIQUITANO: da aldeia ao curso de graduação em enfermagem**, sob a orientação da Profa. Profa. Dra. Rosa Maria Bottosso.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento da pesquisadora aos requisitos da Resolução CNS nº 304/2000 e Resolução CNS nº 412/2012, com suas complementares, quanto a comprometer-se a mesma a utilizar os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, garantindo a não utilização de informações e/ou imagens que possam causar prejuízo das pessoas da aldeia; a manter o respeito e garantir o anonimato dos nomes dos sujeitos e alunos(as), docentes e/ou técnicos administrativos, integrantes na instituição, que de forma direta e/ou indireta contribuíram com a formação/aprendizado da referida estudante indígena de enfermagem.

Cuiabá, 18 de julho de 2022

Nome: PROFA. DRA. SAMIRA RESCHETTI MARCON

Assinatura: 
Samira Reschetti Marcon
Diretora Faculdade Enfermagem
Universidade Federal de Mato Grosso

Local: Cuiabá, 18 de julho de 2022

10. ANEXO – 1) FOLHA DE ROSTO DA PLATAFORMA BRASIL

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS			
1. Projeto de Pesquisa: TRAJETÓRIA DE VIDA COMO ESTUDANTE INDÍGENA CHIQUITANO: da aldeia ao curso de graduação em enfermagem			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 3			
3. Área Temática: Estudos com populações indígenas;			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 4. Ciências da Saúde			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: Rosa Maria Bottosso			
6. CPF: 339.993.761-04		7. Endereço (Rua, n.º): BALTAZAR NAVARROS BANDEIRANTES apto 2001 CUIABA MATO GROSSO 78010020	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: (65) 3615-8826	10. Outro Telefone:
		11. Email: rosa.bottosso@gmail.com	
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Assumo as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>25 / 07 / 2022</u>		 Prof.ª Rosa Maria Bottosso Enfermeira COREN - 24.196-MT	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Federal de Mato Grosso/ UFMT		13. CNPJ:	14. Unidade/Orgão: Faculdade de Enfermagem - Cuiabá - UFMT
15. Telefone: (65) 3615-8808		16. Outro Telefone: (65) 99223-9352	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>Samira Reschetti Marcon</u>		CPF: <u>545.264.001-06</u>	
Cargo/Função: <u>Diretora</u>		 Samira Reschetti Marcon Diretora Faculdade Enfermagem Universidade Federal de Mato Grosso	
Data: <u>26 / 07 / 22</u>		Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			